

ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA

ORGÃO DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE

PUBLICAÇÃO MENSAL

Administração:

Rua General Victorino N. 2

ASSIGNATURAS:

Brasil, anno.....	129000
Uäll Postal, anno.....	158000
Número avulso	18500
Número atirado	28000

ANHES DIAS

Professor da clínica médica da Faculdade do Porto Alegre

ULYSSES DE MONDRA

Prof. de clínica dermatologica e syphiligraphica da Faculdade do Porto Alegre

GUERRA BLESSMANN

Prof. de clínica propedeutica cirúrgica da Faculdade de Porto Alegre

Secretários da redacção:

DR. RICARDO WEBER - Assistente do Instituto Oswaldo Cruz de Porto Alegre
DR. JOSÉ RICALDONI - Assistente da 1ª clínica cirúrgica da Faculdade

Agent exclusif de la publicité française

R. AUBERTEL

36, Rue d'Enghien, 30 - PARIS

Toda a correspondência deve ser endereçada aos Archivos Rio-Grandenses de Medicina, rua General Victorino n. 2 - Porto Alegre - Brazil

SUMMARIO

Prof. Dr. Fabio de Barros — A nossa Independencia	255
Prof. Dr. Leandro de Oliveira — A evolução da medicina no Brasil	258
Prof. Dr. Sarmento Leite Filho — Arterite crônica, Atheroma e Arterio-sclerose ..	266
Dr. Tude de Godoy — Alastrim	271

NOVO TRATAMENTO DA SYPHILIS

INDOLOR
NOVA CONCENTRAÇÃO
Dose máxima: 2 cc. (0,30)

“TREPOL”

INDOLOR
NOVA CONCENTRAÇÃO
Dose máxima: 2 cc. (0,30)

dos Drs. SAZERAC e LEVADITI, do INSTITUTO PASTEUR, de Paris

O TREPOL é o unico, tartrobismutato de K e Na, sal especial dos Inventores, Sazerac e Levaditi, preparado pelos laboratorios Chenal e Douilhet, é de uma pureza absoluta, é um corpo fixo e inalterável.

O TREPOL tartrobismutato especial é empregado com sucesso:

INDOLOR NA FRANCA:

nos hospitais de Paris: Céchin, St. Louis, Broux, La Maternité, etc., assim como nos serviços de prophylaxia, Maison St. Lazare, etc.

NA BELGICA:

nos dispensarios antisyphiliticos de Bruxellas, serviço do Dr. R. Bernard.

NO BRASIL:

nos serviços de prophylaxia da lepra e doenças venéreas, Asylo de Alienados, etc.

O TREPOL (caixa de 12 ampolas). Verificar com cuidado a technica das injecções contida na caixa e empregar unicamente uma agulha de 50 mm. $\frac{1}{16}$. A caixa não contém agulha. Depois da injecção repouso de 25 a 30 minutos afim de que o líquido injectado seja absorvido pela massa muscular e não se espalhe pela agitação do doente no tecido aponevrotico o que seria a causa da dor.

POMADA DE TREPOL — que os Srs. Médicos poderão empregar em applicações locaes.

PO' DE TREPOL — topico utilizado para a cura da estomatite bismuthosa accidental.

Depositarlo e representante exclusivo para o Brasil:

R. AUBERTEL - Caixa do Correio 1344 - RIO DE JANEIRO

II Numero commemorativo do Centenario da Independencia



GALALBINA

LEITE ALBUMINOSO (NOMES E MARCA REGISTRADOS)

Apresentamos ao distinto corpo medico da Capital e do Interior, nosso prodigioso medicamento-alimento, manipulado consoante a FORMULA FIEL do celebrado Prof. FINCKELSTEIN, mundialmente conhecido como summidade em matéria de Molesias Infantis.

GALALBINA põe o ponto final na mortalidade das crianças que soffrem do apparelho digestivo.

GARANTIMOS: Technica authentica, manipulação rigorosa e conservação perfeita

Com grande honra attenderemos promptamente a qualquer pedido de esclarecimentos.

DEPOSITO:

Pharmacia Torelly
RUA INDEPENDENCIA, 148 - PORTO ALEGRE

Laboratoires Ch. Couturieux

18, Avenue Hoche, Paris

Os Laboratoires COUTURIER preparam todos os metas e metaloides therapeuticos no estado coloidal segundo o metodo do Dr. A. Lancien, em soluções isotonicas, muito estaveis, e injectaveis nas veias ou nos mucus, sem nenhuma manipulação prévia.
As mais utilizadas são:

Lantol } para o tratamento de todas as doenças infecções, septicemias, febres puerperas, pneumonias, typhoides, erysipelas, etc.
(Radio coloidal eletrico)

Sulfurion } para o tratamento das affecções rheumaticas, bronchites e laryngites chronicas e de todas as insuficiencias sulfuradas.
(Enxere coloidal eletrico)

Stanion } uma nova arma contra as infecções de staphylococcus, tais como: Furunculos, Anthrases, Adenites, Accessos reincidentes, e contra todas as infecções, tendo um ponto de partida cutaneo.
(Estanho coloidal eletrico)

Panglandine } Capsulas keratinizadas a eg., 25, contendo uma syntese opetherapica: thymo, ovario, baço duodenal, hypophyse, capsulas supra-renas, thyroide, pancreas, testiculos, fígado, prostata, em proporções physiologicas. DOSES: 4 a 8 comprimidos por dia na sensibilidade, na obesidade, na neurastenia, no crescimento atrasado, nas perturbações da puberdade, no myxedema, no infantilismo.

Tratamento das molesias do tubo digestivo pelos comprimidos de **Glycolactimase** Assoziação simbiótica de bactérias lácicas bulgáras e de bacillus glyco-bacter, dosados a cgo; prescrever a dose de 4 a 10 por dia.

Medicação iodada pela **Iodurase** Capsulas keratinizadas contendo: iodeto de potassio puro, ogr.50. Levurina extrativa, ogr.10. Sem iodismo, graças a ação específica da levurina e ao envolvimento que não libera o iodeto salino no meio alcalino do iuteíntio; dose de 1 a 5 capsulas por dia.

UNICO REPRESENTANTE NO BRAZIL:
RUA DA ALFANDEGA, 114 sob. — Caixa postal 1344 — Rio de Janeiro

— R. AUBERTEL

A NOSSA INDEPENDENCIA⁽¹⁾

Senhores!

Thomaz Carlyle, numa serie de conferencias memoraveis sobre o culto dos heróes e o heroísmo na historia, disserendo, com a visão mystica do puritano sonhador, conclue que a humanidade marcha conduzida por sens grandes homens e que a historia do mundo se condensa na biographia dos sens heróes.

Fiel a essa concepção simplista da vida dos povos resume, na biographia de Cromwel, a reacção liberal da Inglaterra contra o absolutismo dos Stuarts, e no gesto rude do primeiro Bonaparte, tal como o representou Luiz David, no quadro celebre, engajando a coroa da França, para fundar uma dymnastia bastarda, vê o facto predominante, a attitude providencial que ha de salvar uma sociedade fatigada, exausta, convulsionada e aniquilada pela anarchia palavrosa e cruenta da Revolução, pelo materialismo sensualista, dissolvente, pela ruina financeira do Directorio.

Não podia o notável ensaista ter da historia concepção diferente. Faltavam lhe as bases para outro tipo de construção.

As sciencias sociaes, que só em meados do seculo passado começaram a vislumbrar algumas das suas leis mais geraes, formuladas pelo genio synthetico de Augusto Comte, lhe não haviam aberto horizontes para o remigo das azas portentosas, e quando lançavam os seus fundamentos, chegara ao declínio a actividade mental do escriptor. Uma philosophia da historia, não era ainda possivel. Os registos, os archivos, os documentos de toda a especie em que as gerações que passam gravam as suas fozes, não haviam sido franqueados á curiosidade da critica.

No evocar a marcha da civilisação no transcurso do tempo, misturava-se a phantasia com a verdade, de maneira a circumscrever a historia em quadros preestabelecidos, conforme certas preferencias de ordem politica e de ordem religiosa. E a historia romanceada, aparecia-nos como um drama confuso, de enredo complicado, pungente e glorioso, em que, apena, se percebiam com nitidez, os papéis dos actores mais em evidencia, os daquelles que, de alguma sorte, foram ou pareciam ser os seus protagonistas. Assim, no theatro, os espectadores bisões, que só veem e comprehendem os gestos e as palavras dos actores do primeiro plano. Mas, nos dramas sociaes, como na ficção scénica, para além das figuras de primeira linha, move-se a multidão dos personagens de ordem secundaria, aparentemente menos importantes, encarregados de conduzir a acção, e que são a arraço de ser dos outros.

Nos drámas da humanidade aquellas figuras permaneceram, por muito tempo desconhecidas da historia, ocupada em destriñcar as intrigas de corte, a esmiuçar a vida das dymnastias, a collocar nos pedestres os heróes de cada época, ou a distribuir

pelos círculos do seu inferno, os condemnados e os reprobos.

Desso erro, por uma intuição psychologica genial se apercebeu Carlyle, em tempo, e já na Historia da Revolução Franceza, o instincto da verdade guia-lhe a pena luminosa, e como que lhe corrige os excessos da concepção theorica.

Nessa obra, por todos os titulos imperitura, a energia heroica, não promana de Robespierre, que o escriptor odeia, nem de Danton, que elle exalta, mas da alma collectiva, da consciencia popular.

Estudando a grande crise da França, de fins do seculo XVIII, Carlyle chegou empiricamente, como se lhe illuminasse o espirito o relâmpago de um olhar genial, ás origens mesmas dos phenomenos sociaes, tal como o faria um critico hodierno, apparelhado com o material de analyse que nos fornece o estudo da dymnastica social. Por esses tres volumes de resignação cruel e indulgência optimista, de onde a França revolucionaria resurge numa grande evocação, passam sob os nossos olhos todas as grandes figuras da epoca, empolgantes e vivas, influindo sem duvida no desdobrar dos factos, mas não os conduzindo, antes conduzidas por elles. Ao cabo dessa leitura, poder-se-ia chegar facilmente à conclusão, que o philosopho de Montpellier, mestre em conceitos definidores encerrou na formula conhecida, que é a synthese de todo o progresso humano: "O homem se agita e a humanidade o conduz".

Malgrado essa verdade, que já não sofre discussão, por evidente que é, ainda agora, por um pendor natural do nosso espirito, a historia se vai escrevendo, como na epoca de Carlyle.

Em virtude das proprias leis que regem a nossa actividade mental, não sabemos, não podemos pensar se não symbolicamente. E' um processo de simplificação a que, a miude, recorre a intelligencia. Quanto mais complexos são os phenomenos sobre que ella se exercita, tanto menos lhe é possível discernir, num relance, a multidão e a variedade dos factos secundarios que concorrem à producção de um facto principal. Pensamos syntheticamente, por meio de pequenos resúmos.

Para melhor comprehendermos os phenomenos sociaes, na sua complexa evolução, agrupamolos consoante certas afinidades e certas semelhanças, por vezes fortuitas, e substituimos esses grupos por symbolos pessoaes que os representam. Achados esses, esquecemos, muita vez, que são apenas symbolos; confundimolos com a propria realidade, que elles substituem. Mas o problema historico fica desta forma, sem ser bem comprehendido. Procedemos como o mathematico que, ao applicar as suas formulas, não atinasse em substituir as expressões litteraes, pelos valores numericos que ellas representam.

Esse erro de visão critica, ou antes essa illusão, nascida de uma imperfeição da intelligencia humana, que precisa simplificar os factos para bem comprehendelos, pode conduzir, e tem conduzido, a falhas de apreciação, e a grandes injustiças no julgar a vida das sociedades.

Assignaladas por uma data e por um nome,

(1) Discurso pronunciado pelo dr. Fabio Barros na sessão solene, commemorativa da Independencia, reaisada pela Sociedade de Medicina de Porto Alegre.

crises de vida que exigiram annos de elaboração e se prolongam em consequencias pelo tempo futuro, é um processo mnemônico e um artificio, sem duvida necessário, pois que necessitamos, no espaço e no tempo, pontos de referencia, para apreciar o quadro geral da civilisação.

A data, quo nós, os brasileiros, vimos celebrando, entre demonstrações de entusiasmo, corresponde, sem duvida, ao episodio mais aparatoso e theatrical da jornada emancipadora, mas, indubitablemente, o que menos influio sobre ella. Retenhamos a data e o que ella representa. Cumpre, porém, não olvidar, que não alcançamos esse resultado, pela influencia mágica de uma phrase estudada e pronunciada com aparato militar ao cair de uma tarde de Setembro, em scenario decorativo especialmente escolhido para dar imponencia ao acto. Tudo denuncia aquelle momento como um golpe de theatre, decisivo talvez, mas não imprescindivel; tudo: desde a escolha previa do lugar, que foi a preocupação de José Bonifacio, até as minúcias de encenação: a hora crepuscular, a presença do príncipe, em uniforme de granadeiro, as espadas desembainhadas, reflectindo os ultimos reflexos agonicos do sol em declínio, os emblemas da metropole arrancados, e por fim, a phrase, a phrase retumbante, a phrase que a historia havia de guardar, como a lembrança mais viva dessa tarde de emoções: "Independencia ou morte!"

Seria isso, apenas isso, a nossa Independencia? Seria, aquelle grito, o "Open Sesamo" que nos abriu magicamente, as portas do futuro?

O século XIX, nos seus primeiros trinta annos, foi a época da emancipação americana. Quando se concretisou a nossa, já os quatro vice-reinados e as cinco capitaniás geraes, que constituiam o domínio colonial hespanhol de ultra-mar, haviam dando os passos mais decisivos no caminho da independencia. Já a figura, talhada no molde napoleónico, de Bolívar enchia o continente, e o grito de "guerra a muerte" repercutira desde o Mexico até a Patagonia, e transpuzera o baluarte da cordilheira oriental, marcando as fronteiras dos povos livres com um rastilho de sangue, que por vezes, se fez caudal. A emancipação colonial foi um phänomeno americano. Embarcainos na corrente geral, irresistivelmente, porque não podíamos deixar de o fazer. Identicas condições internas, deviam de levar ás mesmas consequencias. E nem nos faltou, para todos, a coincidencia do pretexto, que nos havia de vir, para uns e para outros, hespano americanos e luso-americanos, no passo de carga das invasões napoleónicas, na península.

Na Hespanha, Fernando VII deixa-se aprisionar e confiscar o trono, em beneficio de um irmão do invasor; em Portugal, d. João VI foge, a tempo, para a sua grande colonia, pondo-se a salvo. Essa diferença dos destinos das duas monarchias, explica bem claramente as diferenças no processo pelo qual se operou a libertação das colonias respectivas. Mas, enfim, as causas geraes, permanecem as mesmas e não dependeu, como jamais nenhum phänomeno historico, de vontades individuaes ou de caprichos de pessoas, mas de condições igualmente geraes e inevitaveis. E a principal é que, pela formação de um vivo sentimento de nacionalidade, adquirirímos a consciencia de nós mesmos,

e a certeza de que a nós mesmos nos bastavamos para a vida, num porvir sem limites.

O sete de setembro, foi, nessas condições, um bello rémate, um fim apotheotico do acto que não era, nem podia ser o ultimo. Porque, se ali no Ypiranga se definia uma situação que já existia virtualmente, quebrando o derradeiro e fragil vínculo que nos prendia a metropole, nem por isso alcançamos, de chofre, nessa hora, a realização perfeita dos nossos ideais. Nem poderia ser de outra forma, se não quizessemos defrontar com o destino terrível das colonias hespano-americanas, cujo exemplo tinhamos sob os olhos, para nos edificarmos. Não quizemos, por isso transigirmos. Resignamo-nos com uma emancipação, por assim dizer, parcial, deixando quo persistissem laços moraes que só muito mais tarde deveriam de ser quebrados. Com efeito, tal como se operou, a nossa Independencia teve o carácter contemporizador de uma transigencia prudente e opportuna das avançadas tendencias nacionalistas com o reacionarismo do sentimento portuguez. O Império foi um momento de equilibrio, entre a aspiração republicana, como forma definitiva de emancipação americana, e a dependencia da metropole.

Firmámos a nossa independencia económica que já era um facto desde a abertura dos portos ao comércio mundial, mas social e politicamente conservavamo-nos um vínculo de sangue, pondo como tronco da dynastia nacional o ramo principal da casa de Bragança, e seu herdeiro natural, que se outras causas não houvessem intervindo, poderia ter reunido de novo, sob a mesma coroa e sob o mesmo sceptro os dois povos que as circunstâncias de momento separavam.

Conservámos um vínculo moral na identidade das instituições monarchicas, transplantadas da Europa com todas as suas falhas, planta exótica no continente republicano.

Não se dirá todavia que essa transição tenha sido um erro. Além de que, outra solução fôra impossível no momento, decorreram deila para a nossa formação política e social, vantagens que não é agora o momento de lembrar e encarecer, mas que é facil de avaliar ponderando todas as dificuldades com que houveram de arcar as colonias hespanholas vizinhas. Mantivemos, com ella, a unidade da patria, que se teria necessariamente fragmentado em pequenas repúblicas caudilhescas, se adoptassemos a solução extrema, que não puderam evitar ao povos hespano americanos.

Sobretudo, a solução monarchica permitti-nos traçar a norma, nunca depois de esquecida, de resolvemos o problema do nosso progresso, sem sobressaltos sangrentos, numa atmosphera de paz e de concordia.

Por essa forma, o espirito liberal trabalhando os nossos sentimentos, preparou a nossa intelligencia para quo assentassemos o segundo marco da Independencia, pela libertação do elemento servil, chancellada, enfim, em pleno governo de um gabinete conservador. Assim desapareceu o trono como o termo natural de uma evolução dos sentimentos nacionaes.

Diferente é o quadro da vida politica nas colonias hespanholas, que ao succidirem o jugo europeo, cahiram, de chofre, mal apparelhadas, num

regimen popular que teria de provar todas as vicissitudes amargas da adaptação, antes de se consolidar. E' que as possibilidades de organisação política que se lhe deparavam, dada a sua singular posição em face da metrópole, eram diferentes das que se nos ofereciam. Os seus vínculos de dependência eram dynasticos e pessoas. No opinião dos seus próprios jurisconsultos, as colônias hispanholas da americam constituiam atributos da coroa; não eram posse da nação.

Prisioneiro Fernando VII, ocupado o trono da Hespanha por José Bonaparte, deu-se naturalmente a reacção contra a tutela do usurpador. O vínculo colonial partira-se na propria metropole com a destituição do monarca e o surto das ideias emancipadoras não teve a defrontar maiores entranhas. Essas ideias, encontraram lá, como aqui, homens que as agitassem e coordenasssem, nas figuras glorioas de Mariano Moreno, Belgrano, Rivadavia, Pueyrredon, San Martin, e, acima de todos, Bolívar. Lá, como aqui, se balancearam as condições de momento, para organizar sob forma política autónoma, os povos libertos. E, facto a registrar, diferentes, opostas foram as conclusões. Comprehendendo as dificuldades de por em prática o sistema republicano, diante das deficiências da educação política ambiente, pronunciaram-se quasi todos, pela instituição da monarquia, com um princípio de Bourbon à frente. Sómente os embarazos de improvisar, fazer vingar e radicar, uma realeza americana, era muito maior: resignaram-se a um regimen democrático, por muito tempo puramente nominal, e que para chegar a sua realidade impôz às antigas colônias as mais duras e cruentes provações da demagogia turbulenta e infame e das tyramnias de sangue. Entre nós, sabem-o, as tendências avançadas dos nacionalistas eram para os institutos políticos da República, as condições da sociedade e a segurança do futuro, deram-nos o conselho, bem avisado, de aceitarmos a monarquia, como forma transitoria, para aqual tinhamos na pessoa do príncipe regente, a base dynastica que faltara aos nossos irmãos do continente.

Da sorte adversa que agitou as repúblicas hispanolas, privou-nos a transação monarchica, retardando a consumação da nossa Independência. Em verdade, a integração do Brasil em si mesmo e na América, a sua definitiva emancipação, só chegou a 15 de Novembro, com a República.

Na posso completa de nós mesmos, temos destinos a cumprir, inseparáveis dos destinos americanos. Cumpre-nos, com a força e a iniciativa de povos novos e vigorosos, resolver em beneficio da humanidade problemas que a Europa exausta do labor de tantos séculos já não tem energia para resolver. Os nossos deveres são graves mas primacial será o papel que devemos assumir na marcha da civilização. Sem o nosso concurso, sem a nossa cooperação decisiva o movimento do progresso não se fará, pois que no concerto dos povos occidentaes, já não é possível admittir a hypothese de civilizações individuaes. A civilização geral repousa, agora, na maneira porque se entenderão os povos entre si e e poi sem uma concepção superior do direito inter-

nacional, visando cimentar e fortalecer os laços de solidariedade entre os homens, não haverá verdadeiro progresso, que sómente se realizará se os nossos sentimentos guiarem a nossa intelligencia. Ora são americanas de iniciativa, ou porque aqui se tenham acolhido e desenvolvido, as mais belas iniciativas, que sob forma jurídica, tornaram cada vez mais nobre e fecunda a mutua cooperação dos Estados na obra da civilização. Basta-nos relembrar que partiu da America, como consequencia da „guerra a muerte“ a iniciativa do arbitramento geral obrigatorio nos conflictos entre nações, clausula inscripta gloriosamente na lei banica brasileira. Outras iniciativas brilhantes, que renovam o direito internacional, tem o indelevel cunho americano, na sua forte expansão de solidariedade humana: assim no que concerne aos direitos dos neutros, ao reconhecimento da igualdade jurídica entre os estados, à inviolabilidade da propriedade particular nos tempos da guerra, à igualdade das raças, ao princípio territorial do *uti possidetis*. Alargamos, essencialmente, com a generosidade de povos novos, a comprehensão jurídica de outras questões, como as referentes á cooperação internacional em matéria penal, pela extradição, ao direito de asylo, ao confisco de bens particulares, ao tratamento e aos direitos dos estrangeiros.

A simples enumeração desses problemas, criados ou resolvidos por nós, mostram o papel que temos representado e as responsabilidades do futuro que contrahimos. Devemos orgulhar-nos com isso. Cabe-nos parte em tais responsabilidades, como consequencia da nossa existencia política autónoma. Assim, sê por um lado a nossa emancipação, que assentou o primeiro marco em 1822 e o ultimo em 1889, tem uma significação extictamente brasileira, um por outro lado uma significação americana e universal.

Senhores! Com a celebração de hoje, com que comemoramos o facto da nossa Independência, a Sociedade de Medicina deseja significar que ao lado e acima do programma científico em que empenha os seus esforços, mantém um programma cívico de culto ao passado e de esperanças no porvir. Trabalhando pelo desenvolvimento científico da medicina, trabalha igualmente pelo progresso do Rio Grande e do Brasil. Cultuamos o passado na figura dos seus grandes homens, dos seus heróes, mas também de todos aqueles, grandes ou pequenos que são os factores esquecidos da nossa existencia de povo.

Cultivamos esperanças de futuro, não apenas pela fé inabalável de que não faltarão homens capazes de o preparar, mas principalmente pela confiança na energia, na intelligencia, no valor do nosso povo. Não queremos estabelecer diferenças nem categorias entre os operários da nossa grandeza. Todos os que trabalharam comosco ou trabalham para nós merecem a nossa sympathia, a nossa solidariedade, o nosso amor. Podemos dizer, paraphraseando um dito antigo, que somos brasileiros, e do que for o brasileiro nada será alheio as nossas cogitações.

A evolução da medicina no Brasil

(Conferencia realizada em sessão solemne da Sociedade de Medicina, pelo Dr. Lauro de Oliveira)

Que lindo e prímordio painel não tracejaria aos vossos olhares curiosos se a tanto me ajudassem a intelligencia e a cultura! Que magnificas e harmónicas obras d'arte mais pura e mais scintillante não apresentaria a graça da vossa benevolencia ao bom gosto dos vossos espíritos gentis se me não sentisse desmaiado deante da empresa a que me arrisquei fraco e sem forças que me colloquem deante de vós com a mesma poderosa intellectualidade de nosso orador official!

Não é sem viva commoção que me vejo em face da vossa ilustração, nem sem desmedida anciadade que aqui me encontro, preocupado em não vos deixar sair deste recinto como quem se viu burlado na esperança que trouxe de acompanhar através de épocas e gerações, a evolução da medicina no Brasil.

E o passado é obscuro e monótono e fatigante a jornada que ao viajar apresenta no desdobrar das lendas o da historia.

No conjunto deste trabalho, certo, encontrareis falhas enormes, omissões, erros de orientação, descuido na maneira de sobrepor acontecimentos, precipitação no modo porque se ordenam factos, presunção no desejo de interpretar a historia com aquella sinceridade magnifica de Voltaire, com o entusiasmo inaudito de Renan quando, pela primeira vez, se viu tomado de paixão por quanto dia a respeito à beleza incomparável da Grecia; com a segurança do fecundo Buckle ao desvendar à cultura humana o caminho novo dos estudos históricos, traçando com precisão e eloquencia a Historia da Civilisação na Inglaterra; com essa vontade evidente de assertar com que Plutarcho — o encantador — encadeou a vida dos seus grandes homens illustres e escreverem, em páginas de ouro, a grandeza de um passado resplandecente.

Que pintor mediocre, no entanto, poderia encher de ternura impressionante a paysagem rude em que o colorido discreto é força de expressão? Que esforçado poeta será capaz de fazer desprender-se o perfume da poesia mais suave que, para os espíritos de eleição, se desprende das coisas como incitamento ao culto da Belleza se tem a alma sem fogo, a intelligencia embotada, o coração já farto de viver, a sentimentalidade doentia?

Que homem de sciencia, meus senhores, poderia arrancar do cactus singular e sombrio senão a flor que em cem annos floresce uma só vez; e do seio da terra infecunda que sabedoria será capaz de extirpar o silício que no seu estado de pureza torna ao homem a graça desse crystal da rocha eruptiva deante do que ella se deixa inebriar?

Mas eu cumprir neste momento um dever de patriotismo e basta.

E como já se afirmou, por certo, em qualquer parte, o dever, acima de tudo, é a obesessão sublime capaz de nos levar ao sacrifício mais violento e inutil.

Não é possível a nenhum brasileiro, nesta hora inmorável, esquivar-se de participar da alegria que faz vibrar a alma da pátria livre. Aqui me tendes.

A obrigação moral ha de atenuar um pouco o desacerto dos homens de boa vontade porque esses, abandonando por instantes a sombra em que são afetos a viver

offuscas e mergulhando na intensa luz que circunda a intelligencia dos seus semelhantes banhando-se nela, entortecendo deante do explendor das lucidas faculdades dos seus pares tem para si o perdão, a generosidade e a tolerância dos que sentem superiores e fadados a grandiosos destinos.

O ANCEIO DE VIVER

Todavia meus senhores, factos que se encadeiam como os da immensa corrente unem as acções humanas em todas as épocas no sentido da manutenção da especie, da defesa da sua existencia physica presente, da organização da sua vida psychica objectiva e subjectiva, da protecção aos sentimentos affectivos que a dominam e impellem para a grandeza material e moral a que se destina como obreira de civilizações que se não extinguem, que se sobrepõem.

Nas aglomerações occasioneas e elementares em que os individuos se approximam pela vida erranta e incerta do resto dos animaes, como nas sociedades organizadas em que o homem se julga proximo da divindade tal a sabedoria das suas leis, a claresa do seu espírito, a delicadeza dos seus costumes, a maravilha do seu genio a vontade de viver é a mesma e o pavor da morte se iguala e se confunde.

E é justamente por isso que por toda a parte e em todas as situações em que se encontra, selvagem ou civilizado, o homem busca sempre o meio de aliviar as suas dores, curar os seus males prolongar o mais que é possível a sua vida.

Quando se descobriu a America, isto é, quando o homem civilizado pela curiosidade natural, pela curiosidade que o fazia aventureiro sonhador da fabulosas riquezas penetrou pela terra a dentro o Novo Continente e, explorador e intruso, sentiu o contacto das tribus que o povoava, desde logo, se apercebeu que na sua organização grosseira o homem não se distinguia delle senão pela perfectibilidade individual que, segundo o grande Condorcet, nasce da instrucção.

A vida era entendida em todos os variados aspectos do instincto de conservação.

Também aí entre os selvagens o homem se apresentava com a facultade de receber, distinguir, reconhecer, comparar, desenvolver sensações.

A emoção era quasi indecifrável mas não se encobria a ponto de poder ser negada.

Se o homem não extremecia em face de uma obra d'arte, vibrava com a Natureza.

Como os seus semelhantes e para se distinguir dos seres inferiores, qual o homem que vinha da cavalaria para a Renascença, trazendo no coração o culto da mulher e na alma o anseio de um aperfeiçoamento mais consstante com a sua intelligencia, também o indígena chorava, também tinha as suas crenças, também sabia amar e sofrer, também, meus senhores, era cheio de esperanças e avido de consolações.

A Medicina, isto é, o desejo incontido de impedir que a morte nos roube a nós próprios e aos entes que nos são caros, neste século, sciencia que se obriga a decifrar os enigmas do organismo humano e como as vestaes se

incumbe de alimentar e manter accesa a chamma ardente da vida, a Medicina não é fructo original da civilisagão da India.

Que importa que os hymnos do Rig-Veda indiquem os meios de tratar a lepra, a phisica pulmonar e ensinem a curar a picada das serpentes venenosas tão communs e tão temíveis naquelas paragens?

Que importa que esse temor se tenha transformado em culto particular aos ophidios e impressionasse fundamente a Esculapio a ponto de leval-o a crear um symbolo para a scienzia que fundara na Grecia?

Quando se abrio o primeiro tumulo uma idéa fulgorante assaltou abruptamente o cerebro ainda inculto do homem: essa idéa se reduzia na conquista da eternidade ou pela conservação da existencia terrena ou pelo seu prolongamento no céo.

Da primeira parte surgiu a Medicina, da segunda a fé.

NOS TEMPOS DE PARACELSO

Uma e outra se confundem por longo tempo e entre as tribus que viviam no Brasil, na época da sua descoberta, o observador pôde verificar que a Medicina não só procedia por encantações e formulas magicas como procurava remediar as doenças por processos empiricos.

Os medicamentos eram simples; cada individuo medico de si proprio e dos seus semelhantes. A floresta imensa do paiz fornecia elementos preciosos de deles.

E o indigena do Brasil exposto aos animaes venenosos com os quacs estava por assim dizer em contacto diario, conhecia, como os naturaes da India, os melhores contravenenos do mundo.

Havia, porém, entre elles, como aliás entre todas as populações primitivas e em todos os tempos, embruxando-os, dominando-os, empolgando-os feiticeiros, agoureiros e bruxos.

Oraculos, ás vezes, curadores d'alma e de corpo seguidamente, advinhos em todos os instantes, diabolicos nos momentos mais terríveis da existencia das tribus, os "curaybas" e os "pagos" exerciam tal influencia no espirito simples dos indigenas que não raramente levavam-nos a commetter verdadeiros desatinos.

Dominavam-os por uma especie de sedução magnetica que, mesmo depois de mortos, não findava. Eram os sacerdotes da religião da Natureza vista através dos phantasmas que a imaginacão ardente do homem primeiro creou para se consolar; eram os philosophos de doutrinas que surgem com os instictos e tomam fórmas diversas, dependentes das situações de mero accaso em que o homem se encontra, no seio das florestas virgens; eram os estadistas das tribus, os seus orientadores na paz e na guerra, os seus guias no presente, os seus heróes no futuro; eram finalmente os seus medicos, os seus deuses, aquelles que, sobrepondo o entusiasmo das suas almas vibrantes à ignorancia, à docilidade, à innocencia dos gentios, appareciam à ingenuidade dos seus corações revestidos de poderes sobrenaturaes ignorados, mas palpaveis.

Singular coincidencia, meus senhores: a Medicina precisamente nessa época tomava novos rumos e preparava-se para a sua verdadeira emancipação.

Paracelso de quem Leibnitz que havia sentido "que o destino dos espíritos é a passagem constante a novas

alegrias e a novas perfeições" de quem Leibnitz dizia "que era o mais medico de todos os lomcos e o mais louco de todos os medicos", Paracelso, ou melhor Theophrasto Bombast von Hohenheim lançava as bases da doutrina chmisticra e procurava derrocar a medicina tradicional e em roga de Galeno, Avicenne e Rhazés.

O homem, o microcosmo, apareceu, então, unido e em relação constante e intima com as potencias do mundo e da natureza.

Soubese com a sua doutrina que havia sempre um certo veneno na produção das doenças e esse veneno é, com effeito o principio dos estados pathologicos mais diversos.

Atrá os exageros dependentes da ignorancia de factos não previstos e só mais tarde observados, Paracelso garantia a existencia das toxinas que, como se sabe, são os venenos específicos secretados pelas cellulas animaes, vegetaes e microbianas, gosando de propriedades particulares e multiphas.

Dominado, porém, por sua grande idéa que se resumia em descobrir a unidade da natureza o fogoso reformador buscara, por todos os pontos, medicamentos específicos exagerando ás vezes, illudindo-se, constantemente, com o effeito de determinadas drogas dentre as quaes a flór do antimonia era "a nobre, a preciosa e divina essencia que curava todos os males."

A dissecação dos cadaveres que havia sido estabelecido por Mondinus professor de Anatomia humana em Bolonha e que, pela primeira vez, fôra praticador solemnemente em Mortpellier em 1376 para elle é methodo de camponio pois, a morte não pode desvelar a vida.

E a anatomia viva, isto é, os orgãos em seu pleno funcionamento e sobre o qual, tres séculos depois assentaria uma das bases dos estudos biológicos, elaborados pelo extraordinario e immortal espirito de Bichat e a anatomia viva que, seguindo elle, se deve estudar. Paracelso lançava os alicerces da Medicina hodierna, ensinando que "a scienzia é a experientia".

"O mundo, dizia, é a bibliotheca do medico".

Tudo quanto a scienzia medica conquistou até agora, não ignoras, deve-o á experientia, a observação, á vigilância d'arte e assidua de tudo que se passa no organismo humano.

Se ella o compara com o dos outros animaes é para melhor concluir; se observa os phenomenos que se desenvolvem no íntimo dos seres inferiores é por que de comparação e da semelhança espera tirar algo que ilumine amplamente os sens obscuros caminhos.

Mas, os primeiros colonos que foram semeados pelo littoral do Brasil influiriam de maneira evidente no espirito dos gentios e incutiram nelles, virtudes e vicios, hábitos e usanças da velhissima Europa.

A febre da sangria propagaram-na provavelmente, entre os naturaes do paiz, portuguezes e franceses.

A theoria de Botal era, nesse tempo commun e fazia milagres em todos recantos do mundo, onde existia o sofrimento: "Quanto mais se retira a agua do poço melhor se a torna; quanto mais as mães amamentam seus filhos mais leite encontram nos seios, assim em relação ao sangue e à sangria."

Senhores dos seus costumes, contaminados pelos dos povos intrusos, os indigenas guardavam, no entanto, a sua tradição de anthropophagos."

Descreve-os com a graça da poesia e com a maleabilidade dos endecasyllabos, o autor notável do "Caramurá,

Que se acontece que a enfermar se venha,
Concorre com piedade a turba amiga;
E por dar-lhe um remedio que convenha,
Consultam-se entre si com gente antiga:
Buscam quem de herva saiba ou cura tenha,
Quê possa dar allivio ao que periga,
Ou talvez sangram numa febre ardente
Servindo de lanceta um fino dente.

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a burla gente; acção mui pia
Tirar-lhe a vida cõm a massa ou lança:
Se morre o tenro filho, a mãe seria
Estimada cruel, quando a creança
Que pouco antes ao mundo della veio
Não torna ao seu lugar no proprio seio.

CURIOSO NOVICIADO

Os indigenas, com a sua mentalidade propria, atribuindo como os povos inferiores, todos os phenomenos da Natureza a forças extranhas e mysteriosas já estabeleceram principios segundo os quaes o individuo alcançaria sem tardança o privilegio de curar.

Nem todos os indigenas podiam ser medicos, feiticeiros, curandeiros ou coisa que melhor nome tenha. Essa função estava reservada aos que demonstravam certa vocação e resistiam a uma serie de provas de iniciação, em algumas tribus, chelas de phantasia e circumdadas de effeito scenico impressionante.

O "pagé" se faz, todavia, por sua livre e espontânea vontade. E' preciso, porém, que desde a sua juventude exerçite o seu espirito no sentido da missão futura, ás vezes, sinistra e indecifrável.

O seu primeiro passo consiste num isolamento forcado e inacessivel durante annos.

Ele encontrará no jejum a que se obriga, de quando em quando, no silencio tenebroso a que se recolhe no scio das cavernas ou no interior das florestas, na abstinença a que se impõe, nas dansas selvagens, lascivas, e obscenas a que se entrega, horas e horas, o caminho do mysterio, a meada do sobrenatural, e sabedoria, a superioridade sobre os seus semelhantes, a luz que o ha de guiar na decifração do corpo e da alma do homem.

O candidato deve morrer pelo cançasso e resuscitar pela loucura para poder exercer o seu mister.

As tribus que existiam na America do Sul participavam do fetichismo e do polytheismo ao mesmo tempo e tinham, portanto, todos os effeitos e todas as virtudes dos povos que atravessam essa periodo de transição.

O noviciado medico era, no entanto, commun a todas as sociedades inferiores que viviam na America, na Austria.

A iniciação dos medicos das tribus obedecia a certos principios vulgares entre os indigenas de toda parte.

Na Australia, por exemplo, o candidato como um errante desvairado e afflito devia caminhar sempre, sem parar, ininterruptamente até o exgotamento de corpo e de alma.

Nem repouso, nem agua, nem alimento. Devia cair exhausto, aturdido, semi-louco, ferido de uma lancha invisivel que lhe atravessa a lingua e a purifica, morto, emfim, por uma segunda arma que lhe trespassa o crânio, lado a lado.

Presidem o spectaculo original os "iruntarinia", es-

piritos especiaes que se encarregam de substituir os órgãos internos do corpo do iniciando por outros que trazem impresso o signal da divindade. E' quando elle volta á vida. Para mostrar-se diferente, accordado daquelle sonho tragicó, desconhece paes, amigos, objectos que lhe eram familiares, tudo quanto pôde evocar o passado distante.

Os nossos "pagés", concluida a cerimonia da sua iniciação deixam-se martyrisar pelas formigas. Em algumas tribus da Asia os noviços, para sellarem a conquita que acabam de fazer com o proprio sangue, expõem o seu corpo ao venenoso dente aguçado das viboras mais terríveis. Uns e outros visam firmar esse prestigio que deve crescer constantemente, para seduzir, cada vez mais e electrizar as multidões ignoras.

Foi costume entre os hindús ceremonial ainda mais barbaro.

O neophyto uma vez tendo-se submettido a mil exigencias, consentia que se lhe abrissem nas costas, pouco abaixo das espaldas, larga fendas por onde passaria uma viga de madáira especial.

Em seguida era suspenso acima do solo.

E assim nessa critica posição, devia permanecer nella algum tempo e sustar nas mãos sem contracção dolorosa da face, sem agonia, sem gemido, na impossibilidade heroica dos que se sacrificam pelo ideal que ainda vem longe, o livro sagrado dos remedios, o qual pessa nada menos de dez kilos.

Martyrio immenso, inaudita felicidade, pois, concluída a prova cruel, o paciente estava apto para ser consagrado medico. E o era por entre festivas demonstrações de sympathia e admiração.

Mas, meus senhores, como sucedia a todos os povos da terra os nossos indigenas sentindo vagamente a immensurável responsabilidade que pesa sobre os que se ocupam em cuidar da vida dos seus semelhantes, difficultavam a conquista desse emprego por meios selvagens que não deixam, no entanto, de revelar o seu instincto de seleccão ou, melhor, de defesa da especie.

Descobre-se que em toda a enscenação do ceremonial commun por assim dizer, a todas as tribus, algo de religioso e de mystico. Não se pode occultar, todavia, que ella tinha por fim experimentar o carácter do postulante, avaliar da sua capacidade moral e verificar, de qualquer modo, até onde a tribo poderia contar com elle para se defender das doengas do corpo e da alma.

ALGUNS ASPECTOS DA MEDICINA COLONIAL

A Medicina entrementes evoluo no Brasil de modo lento e sem caracteristicos definitivos, nos primeiros momentos da colonisação do paiz.

Em dependencia directa do que se passava na metropole, o periodo colonial da nossa incomparavel terra muito amada é para a medicina sem expressão historica apreciavel. Portugal possuia apenas tres estabelecimentos de ensino da sciencia de curar as enfermidades humanas: a Universidade de Coimbra, o Hospital de S. José, de Lisboa onde se fazia um curso de quatro annos e outro semelhante em Goa.

Todo individuo que apresentasse certidão ou attestado de fréquencia e prática em hospital por quatro annos, era admittido como examinando de cirurgia na corte, em qualquer outra província, ou nas capitâncias do Brasil, da India e Costa d'Africa; nestas as provas se realizavam perante o juiz commissario do cirurgião-mór

do reino e seu escrivão e physico-mór e seu escrivão aquelles com autoridade sobre os cirurgiões, sangradores e parteiras; estes com ascendencia sobre medicos, curandeiros e boticarios.

Os ultimos, para serem submettidos a exame, deviam apresentar certificado de quatro annos de pratica, em qualquer botica.

Aos cirurgiões era vedado o tratamento das moles-tias internas sem poderem curar de medicina na ausencia do medico e se exigia carta de sangrador, embora não fizesse uso da sangria.

Mesmo habilitado para exercer livremente a cirurgia e a medicina, a esse tempo divorciadas, embora já se reconhecesse a connexão existente entre ambas, o cirurgião não tinha voto nas conferencias, limitando-se a expôr ao medico o que observava e as providencias tomadas.

Os processos adoptados para a habilitação dos individuos á pratica da medicina, da cirurgia e pharmacia deram lugar a abusos que se tornaram frequentes no Brasil, onde, como é notorio, foi preciso que se afrouxassem os rigores das leis do reino para se conseguir manter os primeiros nucleos coloniaes.

Equalmente ao que sucede a todos os paizes novos, como aconteceu a Roma, que teve o seu nucleo inicial constituído dos scelerados da peor especie, de escravos fugidos, a que se juntaram, mais tarde, os etruscos com a sua notável civilisação e os gregos com o seu poder natural pela Belleza, o Brasil, no seu período inicial, foi um paiz de degradados, de escravos, de homens sem coração e sem alma, de aventureiros que vinham para o Novo Mundo com o intuito de vencer e, em pouco, eram dominados pelo explendor e opulencia da Natureza, aborridos pelos instintos inferiores que deanto do espectáculo imprevisto das terras ainda innabordaveis, pela convivencia com o gentio, afloravam nelles como rosas de sedução de retrocesso embriagador.

Asselvajavam-se sem o perceber e faziam-se tyrannos dos indigenas, obrigando-os a servir como escravos toda a vida; afastavam-nos de paes, de esposas, de filhos; feravam-nos como a animaes; vendiam-nos como criação da sua crudelidade, como mercadoria de uma industria deshumana e impiedosa.

Num meio dessa ordem os abusos deviam ser não só na pratica da medicina, mas por toda a parte.

E foi precisamente quando se cuidou de nomear um governador geral para o Brasil que Jeronymo Frascator, medico e poeta veronez, teve a primeira nitida visão da medicina futura, atribuindo a transmissão das doenças que se generalisavam promptamente a um transporte especial de corpusculos que elle desconhecia.

Vieram depois delle novos prenuncios da era Pasteuriana em as doutrinas de Van Helmont, Sydenham, Bressy, Spallanzani, Dayaine, Villemin precursores ou mais acertadamente visionarios da theoria microbiana.

A medicina no Brasil, porém, em nada aproveitou com esses progressos da Sciencia.

Na sua generalidade o medico portuguez que vinha para a colonia o fazia seduzido pelo sonho do El-Dourado; não trazia propositos scientificos, nem intenções humanas a preocupação que o induzia a abandonar a metropole e buscar "a terra dos maiores degredos" fundava-se na mesma esperança que animou Portugal e Hespanha durante seculos; esperança de riquezas incalculaveis e apenas presupostas; ideal de bandeirante perdido nos sertões inhospitos de um paiz forte pela sumptuosidade

da sua flora; rico pela maravilha da sua fauna; indomavel pela altivez selvagem dos seus primeiros habitantes.

Estereis escoaram-se para a medicina no Brasil os tempos iniciaes da sua promissora existencia.

PRIMEIROS ALVORES

Sómente no seculo XVII apareceram os primeiros trabalhos de valia sobre assumtos medicos e que se relacionam com a colonia portugueza. Figuram por ordem chronologica o do padre capuchinho Ivo d'Evreux, companheiro de outro capuchinho Claude d'Abbeville, historiador da grande aventura da France equinocial; o de Piso, medico notavel, observador minucioso, celebre botanico; o de George Marigrave, naturalista de grande valor e o de Ferreira da Rosa, medico portuguez que estudou a epidemia de febre amarela observada em Pernambuco e Bahia.

Ivo d'Evreux escreveu a "Historia das coisas mas notaveis havidas no Maranhão de 1913 a 1914" na qual estudou as doenças, que assolaram a população que ali vivia sobrehindo de seu estudo o paludismo, commun até agora nas regiões do norte do paiz.

Piso e Marigrave, companheiros de Mauricio de Nassau e seus medicos, partes distintas dessa multidão de artistas, pintores, architectos, esculptores, mecanicos que para aqui vieram na comitiva pomposa do principe illustre, foram os verdadeiros fundadores da nosologia brasileira, escrevendo em collaboração a "Historia Naturalis Brasiliæ".

A parte inicial do livro é escripta pelo sabio de Leyde sob o titulo "Medicina Brasilensis". Abrange observações sobre diversas enfermidades dentre as quaes a dysenteria tropical; revela a propriedade emeto catartica da ipeú; estuda as virtudes da copaiba, da japecanga, do jabrandi; anota os qualidades diastasicas do mamoeiro, da familia das papayaceas; formula, enfim, conhecimentos medico-therapeuticos apreciaveis pela precisão com que são enunciados.

O seculo XVIII que foi como o ponto inicial dos grandes eventos realizados no seculo immedio, o anunciador das idéas novas que deviam revolucionar o espírito humano, transformar as suas concepções antigas, no que diz respeito as organizações sociais, multiplicar as suas energias, revelar-lhe um homem menos belicoso e mais disposto a retomar o caminho desse culto á beleza que morreu com a Grecia da Philopomen, dessa devocão ao pensamento que succumbio com Cicero e Marco Aurelio, no seculo XVIII a Medicina tomou maior impulso no Brasil, pois, as obras que inspirou e lhe dizem respeito são numerosas e algumas de inestimável valor historico.

Occorrem-nos a do cirurgião Manuel dos Santos sobre as calamidades de Pernambuco; a do apreciado escriptor e medico portuguez, Dr. João Rodrigues de Abreu intitulada "Historiologa Medica", em que se descrevem as enfermidades mais frequentes no paiz; os trabalhos de Gomes Ferreira, Cardoso de Miranda; o daquelle, aparecido em 1735 sob o titulo "Erario Mineral" e contendo estudos de mais de vinte annos e observações das doenças comuns em Minas Geraes; o deste, resultado de numerosas viagens através da colonia, publica como um simples "Relatorio Cirurgico e Medico", no qual se divulgou os meios de tratar o escorbuto que era frequente e generalizado, além de dados nosographicos interessantes.

Outros e innumeros trabalhos surgiram á luz da publicidade e trouxeram o seu contingente de informações para os estudos da pathologia tropical.

Alexandre Rodrigues Ferreira tendo viajado no Pará e principalmente na Ilha de Marajó descreveu pela primeira vez o beri-beri, com as suas particularidades da doença propria da região adverga e barbara da Amazonia; José Pinto de Azevedo, brasileiro, medico pela Universidade de Edimburg onde conviveu com William Cullen do qual Pinel disia que tinha um espirito de ordem e de metodo notaveis, fiel e exacto nas suas descrições das doenças; José Pinto de Azevedo, um dos primeiros brasileiros que foram feitos socios da Academia Real de Ciencias de Lisboa, estudou a febre palustre, a dysenteria e o tetano.

O Brasil tinha atraido não só aqueles que vinham a procura da abastança mas os curiosos que desejavam decifrar o enigma da nossa Natureza e collocavam acima de todas as recompensas a consolação que advém dos estudos scientificos e das descobertas favoraveis ao homem são o homiem doente.

Foi no seculo XVIII que o nosso paiz tomou certo impulso material e moral pois, já se encontravam homens illustres naturaes do paiz que por elle se interessaram concorrendo de algum modo para chamar a attenção da metropole e a despertar-a desse desinteresse com que sempre encarou os problemas mais importantes da vida collectiva no Brasil.

Fundou-se no Rio de Janeiro em 1777 a Academia de Ciencias e de Historia Natural e entre os homens de cultura que se dedicaram aos estudos de Medicina destacaram-se alguns bem apreciaveis.

Francisco de Mello Franco, medico notavel e escriptor de fama, autor de diversos trabalhos, dentre os quais avultam os "Elementos de hygiene", "Educação physica de menores" e "Ensaios sobre as febres do Rio de Janeiro"; drs. Manoel Silveira da Silva, Manoel Joaquim Marreiros, Bernardino Antonio Gomes, Antonio Joaquim de Medeiros, estudaram os meios de sanear o Rio de Janeiro que era uma cidade colonial sem hygiene e perigosa.

Theodoro Ferreira de Aguiar enviado á Inglaterra pelo visconde de Barbacena para estudar as theorias de Jenner, relativas á vaccina era da Bahia. A varíola foi endemica em todos os centros habitados do Brasil.

A Medicina devia tomar, quiçá, em nosso paiz, maiores apreciaveis caminhos e rumo mais de acordo com a sua grandeza e formosura; ella tambem iria participar dos grandes acontecimentos que trouxeram como consequencia a nossa emancipação politica; avultaria certamente, desprenderia as suas azas e, livre e explendida, acompanharia o desenvolvimento que lhe estava preparado para o seculo XIX.

Ella, que havia sido até então incerta e medlocre, embora fosse, desde os primeiros tempos, essencial para a vida das sociedades e dos homens; que tinha apenas suspeitado a sua influencia definitiva na protecção das collectividades, mas que tacteava em todas as direcções por que eram empiricos os processos de que dispunha, e hypotheticas as conclusões a que chegava, a sciencia Medica que devia resultar dos conhecimentos adquiridos nos outros ramos da actividade humana, da physica que iria passar por transformação tão profunda que equivaleria a uma revolução; da biologia, essa flor singular do espirito humano que iria emergir do cerebro do homem como a chamma ardente do fogo sagrado do seu genio; da chimica biologica que resultaria de estudos e observações puramente scientificas;—da microbiologia que lhe devia ser subita e inesperada transição para destino mais consentaneo com a razão humana, que lhe apontara o caminho largo e luminoso dos estudos elucidativos e observa-

ções praticas do Laboratorio, a Medicina iria ocupar, sobre nós, lugar preponderante com a transformação politica do paiz em 1808.

E foi com a vinda de d. João VI para o Brasil que, à suggestão do dr. José Corrêa Picanço, medico natural de Pernambuco discípulo e genro de Sabatier, e que, com outro brasileiro, o dr. José Francisco Lal havia sido incluido pelo marquez de Pombal no corpo docente da Universidade de Coimbra, se fundou o primeiro Instituto de medicina do Brasil; a Escola de Cirurgia da Bahia.

A referida Escola não obstante se limitar apenas ao estudo theorico da Academia da Physiologia, da Clínica, da Cirurgia e da Arte obstetrica e não dispor dos necessarios elementos para funcionar, pois, os professores nomeados para organizar-a José Soares de Castro, de Anatomia; Manoel José Estrela, de Cirurgia, só em 1816 conseguiram alguns instrumentos cirurgicos, emprestados ao Hospital Militar, para darem as suas aulas praticas, teve por fim concorrer para libertar o ensino dessa materia da tutela estrangeira.

Os seus primeiros alunos foram Manoel José Bahia, José Alves do Amaral, Antônio José de Souza Aguiar, Francisco Sabino da Rocha Vieira e o celebre Francisco Gomes Brandão mais tarde Francisco Gê Acahyaba de Montezuma, visconde de Gequitinhunha.

Em novembro do mesmo anno de 1808 foi instituída a Escola Anatomica, Cirurgica e Medica do Rio de Janeiro com funcionamento no Hospital Militar. Dirigiram os seus primeiros passos Frei Custodio de Campos Oliveira, leigo, promovido, a cirurgião-mór do Exercito e da Armada, o conselheiro dr. José Corrêa Picanço, barão de Goyene e o medico da Real Camara, conselheiro dr. Manoel Luiz Alvares de Carvalho, physico-mór honorario e desembargador geral dos estudos medico-cirurgicos de todo o Reino Unido.

O que foram os ensaios iniciais das duas Escolas ben se pôde compreender sabendo-se como se sabe que os meios de que dispunham para o seu regular funcionamento eram insuficientes e mesmo precarios.

A EVOLUÇÃO EM MARCHA GLORIOSA

Passados os primeiros instantes, cheios de incertezas e de ciumes entre os que deviam concorrer com a sua sabedoria, para o regular funcionamento das novas instituições ellas começaram a tomar veredas mais ampla com a reforma soffrida em 1 de abril de 1813.

O novo plano de ensino, organizado pelo dr. Alvares de Carvalho abrangia 5 annos de curso, distribuidas as materias da seguinte maneira: 1.º anno — Anatomia, em geral; 2.º — Anatomia e Physica; 3.º — Hygiene e Theologia, Pathologia e Therapeutica; 4.º — Instituições Cirurgicas e Operações; 5.º — Clínica Medica e Obstetricia.

Os exames dessas materias davam direito á carta de cirurgião.

Os cirurgiões, formados por esse regulamento, assignado pelo marquez de Aguiar, gozavam de certas regalias, podendo mesmo fazer exames que aos medicos se determinavam e conquistar o grau de doutor em medicina.

Sob-existindo a distinção entre medicos e cirurgiões o dito regulamento no seu artigo 17 dizia: Os exames que se exigem para o grau de doutor em medicina são os seguintes: os dos preparatorios, os dos annos lectivos, as conclusões magnas e as dissertações em latim.

Mas, mens senhores, o Brasil estava em vespertas da sua emancipação politica.

Os acontecimentos não tardariam a explodir. Por toda

a parte se sentia que o grande movimento imprimido na vida nacional pela presença de D. João VI obedecia a impulso anterior. Era fructo das idéas do tempo, era consequencia do sentimento de liberdade adquirido pelo homem com a revolução francesa.

A primeira vista o observador, em chegando a esta admiravel terra brasileira teria a impressão desses phenomenos que caracterizam o anti-cyclone; arcalino e secco, tempo fixo e bello, céo purissimo, temperatura agradabilissima, mas cheia de variações extremas.

O que se preparava, no entanto, era justamente o cyclone, a saraivada, a ventania que sopra rijamente, a chuva que se despenha pelo espaço a fóra, nessa loucura de vencer velozmente a distancia que a separa da terra. E era a idéa de 89 que se avolumava e tomando maior vulto, e segundo novos rumos, e encontrando o terreno revolvido pelo tempo, fecundo agora em que os homens sentem em fogo a vontade de se dirigir a si mesmos e governar a sua patria livre de tutelas estranhas e de oppressões, era a idéa de 89 que devia surgir de novo a succeder a calmaria apparente de tantos annos, reformando o fio do seu fulgorante destino que, por certo, seria a realização definitiva da nossa autonomia.

Como zoe acontecer em todos os grandes momentos da vida das nações, houve, entre nós, longa pausa, no que diz respeito à organização dos estudos scientificos.

A revolução da independencia só terminou com a abdicação de Pedro I e nesse longo espaço de 1822 a 1831 nada se fez fóra da política de aventuras propria dos partidos que se disputavam a popularidade.

Encontramos, todavia, homens illustres que se evidenciaram nessa época, alguns dando altas e significativas provas da sua dedicação ao estudo da medicina.

Dentre estes podemos, com justiça nomear, alguns dos que illustraram com o seu saber e cultura a Escola da Bahia. O dr. Manoel Joaquim Henrique de Paiva, professor da Universidade de Coimbra que foi quem primeiro intentou instituir um gabinete de pharmacia; drs. José Lino Coutinho provido na cadeira de pathologia externa, Francisco de Paris e *trazendo consigo elementos para um gabinete de Prudencio José de Souza Brito Cottogope*, secretario; conselheiro Jonathas Abbott, zeloso organisador do primeiro gabinete de anatomia e lente dessa cadeira; o pharmaceutico Manoel Rodrigues da Silva que, tendo chegado de Paris e trazendo consigo elementos para um gabinete de chimica, para a época muito completo e aperfeiçoado, não teve duvidas em cedel-o à Escola que o adquiriu para os trabalhos praticos de chimica e pharmacia dos estudantes.

No Rio de Janeiro, além do barão de Inhomirim, figura saliente e notável, podem ser citados sem pejo o celebre Antonio de Almada, que regia a cadeira de medicina operatoria; Manoel Alves, da cadeira de partos; dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, logo depois barão de Iguaçú e director da nova Faculdade; conselheiro Manoel Luiz Alvares de Carvalho, creador e fundador da Escola da Bahia como bem o reconheceu e proclamou a congregação da dita Escola em 13 de dezembro de 1816; Joaquim José Marques, Jeronymo Alves de Moura, Manoel José do Amaral, Antonio Americo de Uzedo e José Maria Cambuci do Valle, lentes illustres com os quaes contava a Escola para o seu completo exito e incomparáveis progressos.

No meio daquella atmosphera de appreensões qua succedeu a declaração do nosso rompimento com a metropole um facto importantissimo foi registado e consta da lei de 29 de setembro de 1826 com a qual as nossas Escolas adquiriram a regalia de formar medicos e cirurgiões. Consequencia da alforria do paiz, do coração e da intelligencia

dos seus homens, essa lei assume, todavia, grande importancia nos destinos da medicina no Brasil porque estatue para sempre a sua libertação e autonomia.

Mas, meus senhores, a evolução da medicina no Brasil estava em pleno desenvolvimento. Nada poderia obstar mais a sua marcha gloria.

MAIS AMPLOS HORIZONTES

O caminho era arido e espinhoso mas a intelligencia da nova raça iria se sobrepor ás diffiuldades que se lhe antepuzessem e, por certo, um seculo mais tarde, não deveria sentir-se diminuida perante as grandes potencias intellectuaes da America Latina, livres como ella e cheias das mais consoladoras promessas.

O regulamento de 3 de outubro de 1832, que transformou as antigas instituições em Faculdades de Medicina, amiliava o estudo dos cursos de acordo com os mais adeantados principios medico - scientificos e foi o marco de uma era nova, o ponto de partida dessa esperança de gloria que um dia se devia alcançar para o paiz no estudo da sua pathologia propria, na transformação dos costumes da sociedade que vinha do passado elevada de erros e de preconceitos; na transmutação dos valores naturaes pelos esforços humanos com o saneamento de portos, cidades, que sei eu ? de regiões vastissimas ate então consideradas inhospitas e adversas ao homem.

O estudo obedecera ao methodo mais pratico e comprendia 14 cadeiras das quaes algumas surgiam pela primeira vez no programma dos estudos medicos. O curso abrangia o periodo de seis annos e ia da Physica medica, Botanica medica e principios elementares de Zoologia, passando pela Chimica medica, pela Anatomia descriptiva e topographica, pela Hygiene e Historia da Medicina ate a defesa de these, condição imprescindivel para o candidato alcançar o titulo de doutor.

Facto de singular relevância para demonstrar o adiantamento dessa lei é, sem duvida, a abolição do titulo de sangrador que pelo seu artigo 11 não podia ser mais concedido a ninguem.

Ora, meus senhores, o velho discípulo de Bichat, o sonhador da medicina physiologica que assentava as suas bases sobre as doutrinas da gritabilidade dos tecidos, as quacs eram devidas a Glisson e Brown, o grande Broussais que usou e abusou da sangria a ponto de se diezr delle que havia feito correr tanto ou mais sangue que Napoleão I, tendo attingido aos 80 annos era o inspirador da medicina da época e gosava de fama extraordinaria não só na França como em todo o mundo.

As suas leis eram repetidas e acatadas em todos os centros civilizados e o seu methodo de sangrar, a pretexto de tudo, só fracassou deante da terrivel epidemia de cholera, em 1832.

A nova organização do ensino rompia com a tradição e acompanhava Laennec. Abandonava o Paracelso moderno para se inspirar no Abridor de cadaveres que o combateu rudemente.

Era por certo insuficiente, mas assinalava grande avanço nos estudos medicos entre nós por que ligava a um destino commun as duas Faculdades que organizara; exigia exame de habilitação a todos os medicos extrageiros que para aquil viessem clinicar e quizessem obter o grau do doutor; autorisava o arbitramento de verbas para a compra de "machinas, instrumentos e mais cousas necessarias ás experiencias physicas e chimicas, ás preparações e disseccões anatomicas, etc.", estabelecia o ensino livre no seu artigo 33, concedendo liberdade illi-

mitada a qualquer pessoa, nacional ou estrangeira, para estabelecer cursos particulares sobre os diversos ramos da sciencia medica e lecionar á vontade e sem oposição alguma da parte das facultades."

Os professores foram aproveitados na sua maioria dentre os que já vinham lecionando.

Na Faculdade do Rio de Janeiro apareceu como diretores e em ordem cronologica os drs. Joaquim José da Silva de "Pathologia interna"; Manoel Valladão Pimentel, barão de Petropolis, de "Clinica interna", conselheiro Mancel Feliciano Pereira de Carvalho, de "Clinica externa"; Francisco de Paula Candido, de "Physica"; Joaquim Vicente Torres Homem, de "Chimica"; José Bento Rosa, substituto; Luiz da Cunha Feijó, visconde de Santa Izabel, substituto, todos professores da referida Faculdade na sua organização.

Essa lei dirigiu os destinos da medicina official no Brasil até 1854 quando foi substituída por outra mais exigente, pois, além do numero de preparatorios que aumentara abrangia estudo mais vasto, compreendendo o curso desoto cadeiras. Vieram, após, outras reformas do ensino medico: a do illustrado cirurgião visconde de Saboya que foi das mais importantes, pois, deu lugar à criação de laboratorios praticos e experimentaes e estimulou grandemente o estudo das diversas clinicas. Essa reforma abrangeu o largo período de 1879 a 1892 quando foi substituída por outra que creou as cadeiras de chimica analytica e toxicologia e de clinica propedeutica.

Outras reformas foram feitas. A de Rivadavia Corrêa em 1911 que tentou adaptar o ensino medico no Brasil ao sistema universitario allemão, instituindo a docencia livre, dando autonomia às congregações, creando cadeiras, dividindo seções, etc. A que ainda está em vigor é devido ao ministro Carlos Maximiliano, do governo Wenceslao Braz.

Rege o estudo de Medicina no Brasil aproveitando alguns pontos da lei anterior, modificando fundamentalmente alguns outros, innovando e restabelecendo princípios abandonados pelo que sucedeu.

O RENASCIMENTO

Mesmo senhores, a Medicina no Brasil participara do extraordinario progresso de todos os conhecimentos scientificos do seculo XIX. O apparecimento de Claude Bernard no scenario da sciencia da vida como um grande reformador e innovador dos conhecimentos physiologicos, exercendo influencia nunca vista sobre tudo quanto dizia respeito ao estudo da nova sciencia; mesmo na sua linguagem, era offuscante.

Jámais nenhum experimentador produziu tão forte impressão no espírito humano e desceu mais profundamente nos reconditos da existencia.

Teve-se a sensação, com as suas descobertas experimentaes, de que se havia chegado a penetrar no mysterio da vida intima do organismo, na sua elaboração funcional desvendando-o, descobrindo o que apresentava de mais obscuro, revelando à intelligencia do homem o que ella apenas presentira pelas doutrinas de Lavoisier, Laennec e Magendie, impondo à luz da sabedoria humana os phemonenos mais complexos da vida cellular e da sua autonomia.

Claude Bernard assenta as bases da Medicina scientifica sobre a Physiologia que por sua vez não pôde ser constituida senão pela experienca, pela applicação immediata e rigorosa do raciocínio aos factos observados experimentalmente.

O laboratorio como pensava o seu mestre Magendie iria decidir do futuro dos conhecimentos humanos. As theorias devem se fundar na experimentação.

A descoberta do microscopio permittiria o estudo dos tecidos e dera lugar a que Schwann e Virchow individualissem a cellula e o protoplasma.

As observações experimentaes, certo, revelariam o homem a si mesmo, fornecendo-lhe os elementos scientificos de que necessitava para melhor se defender, para agir mais efficazmente contra os horrores que o fulminam.

O empirismo agonisava: a medicina experimental devia de ser a medicina do futuro: o medico seria um investigador além de observador atento e conscientioso. A vida se elabora no organismo ao qual anima; ella não é producto de creações metaphysicas, mas o resultado de um trabalho cellular constante e ininterrupto.

Outro notável observador que deve decidir francamente dos destinos da Medicina foi Pasteur.

Como já tivemos occasião de dizer, Fracastor teve a visão do contagio; Pingle, depois dele, assignalou a infecção; Lancisi sentiu à probabilidade da natureza animada dos germens pathogénos.

No seculo XVIII os medicos admittiam que um agente morbido qualquer, independente do organismo e nella penetrando e permanecendo enquanto durava a doença, era o causador dos males que atormentavam o homem.

Pasteur retomou a meada dessas doutrinas, estabelecidas empiricamente e sob a influencia de Claude Bernard procurou tambem decifrar o enigma da vida no interior do Laboratorio.

Fundou uma nova sciencia, a microbiologia, e tendo por emulos Davaine, Rayer, Koch, Klebs e outros demonstrou por methodo rigorosamente experimental em 1877 o papel pathogenico dos microbios.

Troussseau, o grande clinico abraçava a nova theoría dos fermentos e numas das suas ultimas lições como elle as sabia dar transmittiu aos seus alumnos com autoridade e nobreza as relações existentes entre os fermentos que são germens que manifestam a sua vida por uma secreção especial e a função orgânica.

Alphonse Guerin, Sedillot vinham em apoio das extraordinarias revelações de Pasteur, este apresentando à Academia de Scienças de Paris e these intitulada "Da influencia dos trabalhos de Pasteur sobre os progressos da cirurgia", a qual terminava affirmando que se estava assistindo ao nascimento, duma nova cirurgia, filha da sciencia e da arte e que não será das menores maravilhas do seculo passado. A cirurgia tambem seguia o caminho do Laboratorio.

A ASCENÇÃO DEFINITIVA

A Medicina tornava amplas e luminosas veredas a que não podiam ser extranhos os medicos brasileiros. Della e dos seus incomparáveis progressos devia sair um Brasil novo e brilhante, cheio de atracções e encantador de acesso facil e garantido ao estrangeiro, americano e revolucionado pela sabedoria dos seus medicos no que diz respeito às doenças infecto-contagiosas que o tornavam perigoso.

Justamente nessa incomparável época das maiores consequencias da sciencia moderna e semelhantemente ao que sucedeu na França ao grande Troussseau um medico dos mais antigos e dos mais illustres, pelo seu criterio clinico e preparo scientifico, exerceu influencia decisiva nos espíritos que se abeiraram da sua sabedoria.

Foi o barão de Torres Homem.

Como aquelle medico francez que legou á sua patria uma herança gloriaesa representada na pessoa do eminente Dienlafny José Vicente Torres Homem dentre os mais cultos dos seus discípulos que deixou no Brasil o eloquente Francisco da Castro, literato e clínico notável, homem de grande e vasto saber, coração magnanimo e generoso que por felicidade nossa sobrevive em Aloysio de Castro, o mais gentil, e mais bello e fulgurante espírito que cultiva a medicina em nosso paiz.

Outros se fizeram lumínares da scienzia medica. Quer na Bahia, quer no Rio de Janeiro, onde funcionaram as nossas primeiras Faculdades, innumeros foram os espíritos de eleição que se distinguiram pela abnegação ao estudo da scienzia medica.

No primeiro desses Estados podemos nomear o admirável Silva Lima, clínico dos mais notáveis do paiz; Almeida Couto, Nina Rodrigues, sabio professor de medicina legal, Alfredo Britto, eloquente e saudoso professor de clínica propedeutica que deixou após si uma pleia de brilhante e futurosa de discípulos dentre os quacs destaco o seu substituto e biographo professor João A. G. Froes.

No Rio de Janeiro não se poderá nomear sem se commeter injustiças, mas não me privarei de relembrar o nome de tres dos mais notáveis discípulos de Francisco de Castro, mui cedo colhidos pela morte na torvelinho da existencia trabalhosa, que despercebida se escôa.

São elles Miguel Pereira, espírito de eleição, escritor de mérito que fulgorantemente tracou o quadro doloroso dos nossos sertões, Almeida Magalhães e Francisco Fajardo, este que escreveu interessantissimo trabalho sobre o hypnotismo a que se dedicava com desvelado carinho.

Dentre os que passaram não se pôde esquecer o nome de Chapot Prevost, habil e magistral cirurgião. Dentre os vivos não ovidarei o mais notável de todos pelos seus profundos conhecimentos da Neurologia e da Psychiatria, espírito burilado pela mais vasta cultura, alma de eleito, sabio dentre os mais sabios, intelligence lucida, carácter illibado, coração de ouro. Refiro-me ao professor Juliano Moreira.

Injustiça no entanto, commetteria o historiador se suprimisse o nome do professor Miguel Couto, exímio cultor das letras medicas, presidente actual da Academia Nacional de Medicina, membro da Academia de Letras e medico dos mais proveitosos do paiz.

Mas, meus senhores, com o desenvolvimento material e moral do Brasil outros centros de estudos médicos foram estabelecidos; a imprensa profissional surgiu por todos os recantos do paiz; as agremiações profissionaes com fim puramente científico foram criadas nos centros de maior adeantamento.

Em Porto Alegre apparecia em 1898 a nossa Faculdade de Medicina, dois annos mais tarde equiparada ás suas congêneres pelo governo federal, o qual reconhece a sua idoneidade.

Seu primeiro director é um dos mais entusiastas e illustres dos seus fundadores foi o dr. Protasio Alves, clínico de nomeada em nosso meio. Outros espíritos apoiaram-no nessa ardua empreza e dentre esses estão o dr. Deóclecio Pereira da Silva, director actual do Hospital de S. Pedro, o illustre dr. Ricardo Machado, director geral da Hygiene do Estado, o pharmaceutico Alfredo Leal, o proficiente clínico dr. Jacyntho Gomes, professores Serapião Mariante, Sarmento Leite, estes cirurgiões conscientiosos e distintos, Olinto de Oliveira.

Antes de proseguir, meus senhores, devo lembrar-vos o nome do dr. Carlos Wallau e do sabio e eloquente professor Victor de Britto e dizer-vos que em Olinto de Oliveira teve a Faculdade de Medicina de Porto Alegre a mais bella cultura medico scientifica e litteraria que poderia aspirar.

Mestre, elle sempre o foi com bondade e ternura; sabio elle o é com o encanto da sua cultura artística e litteraria; medico, onde dá o exemplo de respeito á profissão e amor ao proximo.

No estudo despretencioso e rapido da evolução da Medicina no Brasil não me é permittido tambem nomear apenas o professor Sarmento Leite, pois elle é a alma dessa Faculdade que dirige desde 1915, é o guardião das suas tradições, é o obreiro da sua gloria, é o creador da sua reconhecida fama de moralidade e de justiça.

Em S. Paulo e em Belo Horizonte tambem foram creadas Faculdades de Medicina, as quaes de dia para dia se desenvolvem e conquistam o lugar de destaque que lhes está reservado.

Os hospitaes e as maternidades multiplicam-se pelos centros mais populosos e mais cultos. A materialidade da Bahia é modelar. Os laboratorios são vulgares, sendo que o mais importante de todos, aquelle que tem fornecido os melhores elementos á sabedoria brasileira e mesmo americana é o Instituto Oswaldo Cruz outr'ora Manguinhos, criação magnifica de Oswaldo Cruz que foi quem lhe deu após o barão de Pedro Affonso segura e proficia orientação.

Deveis estar fatigados, meus senhores, e eu vou terminar.

GLÓRIA E MARAVILHA DA MEDICINA BRASILEIRA

De tudo quanto acabastes de ouvir e constitue a palida historia da Medicina no Brasil falta ainda a melhor parte e essa é como a cupula do enorme edificio, é o ponto mais alto a que attingiu o saber medico em nosso paiz, é a eloquente demonstração do nosso progresso, é a affirmativa sclemne de que não ficaramos para traz, boqueabertos vendo passar no seu deslumbramento o cortejo dos sabios mundiaes.

E' chegado o momento de vos relembrar o nome do dr. Manuel Silveira da Silva de quem já vos falei e que foi o primeiro a sugerir medidas no sentido de melhorar o clima da cidade do Rio de Janeiro em 1798.

Já a esse tempo se sentia como necessidade premente a modificação da mais bella cidade do paiz, atribuindo-se aos efeitos do clima os estados morbidos em que se encontrava frequentemente a sua crescente população.

A cadeira de Hygiene havia sido introduzida no programma do ensino medico no Brasil em 1812; passou por mil transformações, soffreu a influencia illustre que lhe deram os drs. Vicente Navarro de Andrade, Ferreira Pinto, Souza Costa, Nuno de Andrade e por fim Benjamin Antonio da Rocha Faria.

Insinhou reformas e estabeleceu principios pelos quais se devia conseguir o saneamento das cidades, influiu na construcção das casas, regulamentou, exigio, tyrannisou.

O Rio de Janeiro continuava a ser um centro suspeito e malásio.

A Medicina tinha evoluído sim; mas os vestígios coloniaes não haviam desaparecido das cidades brasileiras.

Aqui, além, ainda se encontrava o signal do passado,

a habitação sem ar e sem luz, as ruas escuras, mal orientadas, estreitas.

De que nos serviam as descobertas científicas do seculo se a nossa patria ainda atemorizava os estranglers, se em pleno seculo XX ainda a Inglaterra mandava os seus cientistas para examinarem em seu meio os males que nos atormentavam e esses caliam victimados pela febre amarela ?

Só um genio poderia operar o milagre, só uma vasta cultura que trouxesse consigo a vontade firme de vencer, poderia sanear o Brasil.

Surgiu então Oswaldo Cruz, meus senhores, e com elle os filhos espirituais do Instituto de Manguinhos, continuadores da sua obra magnifica.

E surgem como verdadeiros sábios com os quais o paiz ha de realizar o saneamento dos seus portos, das suas cidades ainda infestada pelo paludismo, pela febre amarela, pelo terrivel mal de chagas por todo esse cortejo doloroso da sua pathologia, e surgem Carneiro de Mendonça, Rocha Lima, Gaspar Vianna, este fulminado

na legitima aspiração da fama; Cardoso Fontes, Henrique Aragão, Arthur Neiva e Carlos Chagas.

A gloria de Oswaldo Cruz não rutila sómente no sol da Amazonia, mas tambem e sobretudo na pleia de que deixou após si, como o rastro de luz offuscante dessas estrelas que mal scintillam, enchem o espaço com a sua fulguração e já se precipitam no infinito.

A capital da Republica é o grande monumento dessa empresa titanica de Oswaldo Cruz; na sua vida agitada e cheia de encantadores imprevistos de estes dias, se pôde receber, sem receio de qualquer dissabor, os emissarios das nações amigas, deve-o a elle, ao seu esforço, à sua vontade, à sua cultura, à grandeza do seu coração patriota.

Com a sua acção eficaz e continua o Rio de Janeiro pode ser transformado pela vontade ferrea de Pereira Passos.

A Medicina deu-se as mãos com a Engenharia e ambas cooperaram para o embellecimento da capital da Republica.

Nunca seculo de existencia ella tinha evoluído sufficientemente para ser abençoada pelos brasileiros.

Arterite chronică, Atheroma e Arterio-esclerose*) (CONCEITOS HODIERNOS)

pelo Dr. Sarmento Leite Filho

(Prof. da Faculdade de Medicina de Porto Alegre)

Enceta-se hoje o estudo da "arterite chronică, atheroma e arterio-esclerose".

Antes, porém, de tocar no vivo da matéria, qual a de descrever, com minucias, a personalidade symptomática geral, esboçar as modalidades clínicas multifárias, assentar a diagnose e fixar a prognose, e apontar a norma therapeutica sob seus variegados aspectos, é mister destrinçar e resolver certo numero de questões interessantes e de monta.

Refiro-me ao conceito nosographico e à concepção anatomo clínica do assumpto em fóco; alludo às condições etiológicas diversas, geradoras das entidades morbi-das a estudar; menciono as numerosas teorias que não surgido, cada qual pretendendo esmerilhar o mecanismo íntimo e derimir as duvidas, pelo que diz ao determinismo pathogenico do atheroma e arterio-esclerose.

Na exposição que se vai seguir, apontarei o que de maior vulto se ha dito e escrito, em época remota ou contemporanea, sobre a matéria arguida; seleccionarei, aqui e ali, na vasta e fertil seara, o que me parece de maior interesse e aproveitamento, abeberando-me nos dados novos, que, de alguns annos a esta parte, permitem encarar, sob novas luzes, a pathogenia das affecções questionadas.

DEFINIÇÃO E GENERALIDADES

A Inflammation chronică das arterias, arterite chronică, é fundamento basal de duplo processo morbido: o atheroma e a arterio-esclerose.

*) Lição proferida a 22—VI—922, na regência interna de Pathologia medica (1.ª parte).

Caracteriza-se o primeiro, em essencia, pela degeneração gordurosa e calcarea das paredes arteriales e interessa sobretudo as arterias de grande e de medio calibre; assinala-se, ao envés, a segunda pela transformação fibrosa das sobredictas paredes e affecta, com predilecção, as arterias de pequeno calibre, assim como as arteriolas nutridoras das diversas partes constituintes do organismo (Pic e Bonnamour).

D'ahi a dichotomia classica da arterite chronică: atheroma ou macro-arterite é arterio-esclerose ou arteriolite (Bergé).

É evento morboso da mais alta importancia, quando generalizado; por suas multiplas consequencias physiopathologicas e anatomicas, o processamento arterítico chronico concorre para perturbar e lesar profundamente o organismo, cerceando as achegas sanguineas aos orgãos e tecidos, determinando alterações estructurales, indeleveis e irremediaveis, originando miopragias e insufficiencies功用的 das visceras comprometidas em sua irrigação.

A arterite chronică, julgada em suas duas consequencias linhas, considerada nas duas modalidades evolutivas — a arterio-esclerose e principalmente o atheroma, conhecido desde a mais remota antiguidade — , teve sempre sua historia ligada, desde as origens, ao estudo da senescencia (Pic e Bonnamour).

É de tal geito assidua, em edade avançada, que se acreditou, a principio, não possuir ella outra origem, outra causa; d'ahi o dizer-se que a arterio-esclerose caracteriza, em especial, o envelhecimento, no respeitante ao tecido arterioso.

E com o peso de sua auctoridade, Peter chegou a escrever que "o atheroma é a ferrugem da vida", attenta a frequencia das lesões vasculares na maioria dos velhos.

Resulta, porém, de trabalhos modernos ser a arterite chronică encontradiga em todas as edades, muito embora se presente mais vezcera em sujeitos entrados em annos.

Há-se averbado o atheroma até em crianças; ao re verso, acontam-se vasos indemnes de toda e qualquer alteração, em necropsies de velhos.

Abala-se, assim, desde os alicerces, o velho dogma, até há pouco imperante, de ser o atheroma apanágio exclusivo da senilidade.

O conceito nosographico do atheroma e da arterio-esclerose ha suscitado interpretações diversas, variáveis e divergentes com o evolver das doutrinas medicas.

Houve epocha em que predominava, quasi por unanimidade dos scientes, a concepção da arterio-esclerose como doença geral.

De onde o vulgarizar-se a noção da "diathese fibrosa", estado que se salienta pela tendência geral do organismo a degenerar e tem como fundamento anatomico a arterio-esclerose generalizada.

Em prol da tal idéa quebraram laças Lancereux, Debove, Letulle e outros muitos.

Nasceu, dest'arte, a individualização da "arterio-capilarite fibrosa", arterio-capillary fibrosis" de Gull e Sutton, tão do agrado da escola inglesa.

O velho Huchard, no passado a maior auctoridade, no concernente ás affecções do apparelho circulatorio, e cujo nome é sempre venerado, por grangear o mestre os lauréis que cabem aos genios, avançara, entremeltes, com visivel exagerto, ser a arterio-esclerose a molestia, um distúrbio geral da nutrição, e o atheroma a lesão.

Certos autores, na era precipitada, estenderam-lhe a tal ponto os dominios clínicos, que confundiram e englobaram na mesma descrição as consequencias das arteriolites visceraes e as das alterações chronicas das arterias de medio e grande calibre (Heitz).

Actualmente, entendidos no assumpto, com Teissier e Merklen à frente, apartam as duas affecções — atheroma e arterio-esclerose —, e mostram todas as diferenças etiologicas, pathologicas e clínicas que as distinguem (Heitz).

E desde já vos advirto do seguinte: como assinala P. Merklen, com justeza, dominam o repertorio clínico exhibido pela maioria dos arterio-esclerosos, as miopatias e as insufficiencias funcionaes das visceraes comprometidas em sua irrigação; o atheroma, ao envés, pôde coincidir, durante longos annos, com o funcionamento regular dos parenchymas (Heitz).

Resalta do exposto esta illação: para facilidade didactica se hão de encarar á parte e isoladamente, quer no punto de vista anatomico, quer symptomático, as duas modalidades evolutivas da arterite chronică — o atheroma e a arterio-esclerose.

Em clinica, nem sempre facil e possível se torna o discernime, attentas a assiduidade com que ambas se associam, no mesmo paciente, e a disseminação, por vezes extensa, com que se dispersam e diffundem na arvore arterial.

Não obstante, verídico perdura o conceito nosographico supracitado: inalteravel permanece a mencionada concepção anatomica.

ANATOMIA E PHYSIOLOGIA PATHOLOGICAS

Vulgares são as lesões fundamentaes das arterites

chronicas; encontram-se, com grande frequencia, nas necropsies de individuos de mais de 50 annos e quasi constantemente nos velhos (Bergé).

E' extremamente irregular a distribuição dellas no sistema arterial.

A diversidade topographica das lesões da arterite chronică explica sarem proteiformes suas expressões anatomicas e clínicas.

O aspecto peculiar das lesões differe, se se consideram as grandes e medias arterias ou se, ao contrario, as pequenas e as arteriolas; tal se concebe pela diversidade de estructura das arterias interessadas. Ha conveniencia, pois, em estudal-as á parte.

O atheroma, dissera eu em outro passo, é o substrato anatomico das macro-arterites ou arterites das grandes e medios vasos.

Pôde o atheroma affectar todas as grandes arterias do organismo.

E' a aorta a mais assiduamente lesa, sobretudo ao nível da cossiga.

Por ordem de frequencia, vêm a seguir, consoante Huchard e Rokitansky, as subclavias, as radiaes, as renas, as temporaes, as cerebraes da base (origem da sylviana), tronco basilar, cerebellares e bulbarcs), as coronarias cardiacas, as femuraes, a esplenica, emfim as mesentericas; excepcionalmente a arteria-pulmonar.

Nâ porta é que as lesões ateromatosas se salientam mais nitidas.

Quando o processo morbido é antigo, diffuso, exuberante, apresenta-se o vaso, ao exame externo, dilatado, alongado, deformado.

Assemeilha-se a um tubo endurocido, rijo, quasi por completo incrustado de saes calcareos.

Sóem ser de igual modo alteradas as illiacas, as femuraes, as carotidas, as subclavias e as arterias de medio calibre.

Dilatadas, por vezes sinuosas, duras ao tacto, rolam sob o dedo e se não depriment como arterias normaes.

E' esta a caracteristica histologica das lesões ateromatosas; derivam de um duplo processo de hyperplasia e degeneração, a predominar na tunica interna; tracta-se, portanto, de endarterite, associada, no commun dos casos, a leve grau de mesarterite e periarterite.

Encontram-se na endarteria, ao exame macroscopico, as seguintes lesões:

I. Placas leitosas e placas amarellas; manchas brancas ou amarelladas, opacas, mais ou menos largas, de contornos arredondados, dispersas na tunica interna á guisa de salpicos de cera, correspondem a fócos de degeneração gordurosa. Compõem-nas, dentre outros elementos, crystaes de acidos graxos e de cholesterina.

Para Hipolyto Martin, a causa primaria e essencial da degenerescencia das tunicas media e interna seria a endarterite estenosante dos vasa vasorum da adventicia... mal irrigadas e pior nutridas, degradariam; Josué, entretanto, affirma por mais de uma vez haver verificado a perfeita integridade dos vasa vasorum na immediata visualhaga das placas ateromatosas; dahi se conclue não ser necessaria nem constante a supradicta lesão (Heitz).

II. Pustulas ateromatosas: são placas amarellas em completa maturidade; á pressão surde líquido espesso, esbranquiçado.

Podem as pustulas abrir-se e espontaneamente evacuar-se no interior da arteria, resultando da ruptura

ulcerações ateromatosas, de bordas irregulares, que excepcionalmente cicatrizam.

III. Placas chondroides ou cartilaginiformes: são placas esclerosas, de consistência dura, elástica, esbranquiçadas, opacas.

IV. Placas calcáreas: rígidas, semelhantes a laminares ósseas, resultam do depósito de granulações de phosphato e sobretudo carbonato de cálcio no seio do tecido hiperplasiado, o qual apresenta aspecto hyalino; correspondem, portanto, a fócos de infiltração calcária.

Taes são, em rapido bosquejo, as principaes lesões ateromatosas, as das macro-arterites.

E' tempo agora de apreciarmos as das pequenas artérias e arteriolas.

A arterio-esclerose (já o sabeis de sobrejo, por averrado passos atrás), designa habitualmente a arteriolite crônica.

De commun associadas ás alterações das grandes e médias artérias, podem, entretanto, existir sós, insuladas, as dos pequenos vasos.

Diffusas, mais ou menos generalizadas ás arborizações arteriaes de varios órgãos, acantonam-se, ás mais vezes, ou predominam em dado território visceral (Bergé).

Attingem, sobretudo, as arteriolas das viscerais, e em particular, as arteriolas renais, cerebrais, coronariaes, medulares.

Consistem as lesões no espessamento, por hyperplasia, da tunica interna, susceptivel de passar ulteriormente pela degenerescencia hyalina.

Jámais reveste aqui o processo pathológico a disposição em placas; a tunica interna hiperplasiada se apresenta sempre sob a forma de um anel fibroso, escleroso, estreitando ou obliterando por completo a luz arteriolar.

Mas o que distingue, em essencia, o ateroma da arterio-esclerose, no ponto de vista anatomico, é o carácter seguinte: nunca ha infiltração calcária nem fócos ateromatosos na arteriolite crônica.

Multiplas são as consequencias anatomicas e physiopathologicas da estenose ou obstrução total das arteriolas viscerais.

Durante longo tempo, e sob o influxo das idéas de Gull e Sutton, revivescidas após por Hippolyte Martin, foi dogma intangível provocar a angustia das arteriolas, pelo correlato espessamento de suas paredes, a degeneração dos órgãos irrigados pelos vasos doentes.

Mal nutridos, os elementos nobres dos parenchymas se adulterariam, atrophiar-se-hiam e, em substituição delles, formar-se-hia tecido escleroso, cicatrical; daí concluiram serem as arteriolites crônicas o fundamento basilar de todas as escleroses (ou cirrhoses) viscerais.

Constituiu-se assim o vasto capítulo das escleroses dystrophicas, taes como a esclerose cardiaca, a esclerose renal, a esclerose do baco, a esclerose cerebral, a esclerose diffusa da medulla, que, por coincidirem habitualmente com a arterio-esclerose, a ella se subordinaram e representariam apenas meras manifestações locaes da "fibrose arterio-capilar" de Gull e Sutton.

Patrocinada por Brault, não tardou a irromper violenta reacção contra tal conceito pathogenico, tão simples quanto atraente.

E modernamente a maioria dos autores concordam em afirmar que as arteriolas e os parenchymas viscerais

se alteram simultaneamente, expostos que são ás mesmas causas toxicas ou infectuosas (Heitz); são contemporâneas as escleroses das artérias e as das viscerais.

A isquemia do organo suprido pelo vaso bloqueado é a consequencia primordial da obliteração das arteriolas, de onde a ulterior necrose. Se terminal a disposição das arteriolas, como no cérebro, resultam fócos de amolecimento.

Mencione-se, como exemplo typico e genuino de filiação ao supradicto processo pathológico, o repertorio clínico dos "lacunares", a se retratar na "syndrome pseudo-bulbar" (andadura de passos curtos, riso e choro espasmódicos, etc.), que se inicia por pequenos ictos reincidentes, com sequelas pareticas, e tem por fundamento anatomico multiplos fócos de amolecimento, constituindo o "estudo lacunar" de Pierre Marie e Ferrand.

Se existem anastomoses numerosas entre as arteriolas de uma mesma viscera, formam-se infarcitos, à conta do affluxo sanguíneo secundário ao território por momentos isquemizado (Heitz).

Occorrem, com predilecção, os infarcitos no baco, rins, myocardio, etc.

Referencia especial merecem, no presente capítulo, as arterites syphiliticas.

E' noção vulgarizada a da preferencia da lues para as arterias.

A syphilis, conclue Darier em notável monographia, provoca não só lesões de arterite francamente específica, como também lesões de apparença banal, de arterio-esclerose, de ateroma (Lian).

A forma aguda, rara, observa-se, quando recente a infecção: arteritis cerebrales, caducis da placenta (Heitz).

Afectam-se simultaneamente todas as tunicas (Heubner, Darier): a endarteria, a media, a adventícia revelam a infiltração lymphocytaria característica.

Na forma sub-aguda, as lesões são analogas, com a diferença de ser a adventicia quais compromettida; muito espessada, apresenta gemmas: é a arterite gomosa de Darier (Heitz).

Communs e vezeiros são as formas crônicas, que em especial se encaram aqui.

Apparecam dois modos evolutivos as arterites crônicas específicas: estenosante e ectasiantes.

Exhibe-se indiferentemente nas artérias dos membros ou das viscerais a forma estenosante. E' a endarteria a compromettida, por excellencia; de hábito circular, por vezes semilunar, a hyperplasia da tunica interna é tal que o calibre do vaso se reduz a estreito orificio, cuja obliteração se opera aos poucos ou de inopino por um thrombo; é a thrombo-arterite obliterante.

A alteração essencial da forma ectasiantes consiste na atrofia diffusa da tunica media (mesarterite), interessando contemporaneamente as fibras elásticas e musculares. Não ha calcificação.

Assim adulterada, a parede cede no ponto de menor resistencia e se dilata pela pressão continua do sangue; concebe-se, dest'arte, a formação do aneurysma.

E' privativo das arteriolas da região opto-estriada do cérebro um tipo particular da supracitada lesão: minúsculas dilatações aneurysmas sacciformes, appensas á arteriola, apenas alcançam o diâmetro de um milímetro: são os aneurysmas millares de Charcot-Bonchard, cuja ruptura dà a chave do mecanismo pathogenico da hemorrágia cerebral.

Consoante Charcot, uma das arterias mais predispostas à ruptura pertence ao grupo das lenticulo-estriadas e merece, por isso, o nome de "arteria da hemorrageia cerebral".

ETIOLOGIA

Sóem observar-se em todas as edades o atheroma e a arterio-esclerose; mas, à raridade dessas afecções na infancia e adolescência, contrapõe-se frequência maior na idade madura e na velhice. A partir de 50 annos é que o atheroma e a arterio-esclerose mais vezes se manifestam.

Os homens parecem serem mais precocemente acometidos que as mulheres.

E' duvidosa e improvável a influencia do regimen alimentar no apparecimento do atheroma; tanto os grandes comedores de carne, como os vegetalinos são propensos à atheromasia.

Contrariamente ao estatuto até pouco tempo, as lesões nervosas não predispõem ao atheroma; nunca se demonstrou a predominância das lesões arteriais nos membros paralisados.

Ao reverso, desempenha a estafa papel importante na genese das entidades morbidas em fóco.

Merklen notou a assiduidade do atheroma nos operários habituados aos arduos e penosos trabalhos, exigindo grande dispêndio de força; em tais casos, no membro superior direito se localiza, via de regra, o processo morbido (Heitz).

Josué, Klotz e Gifford Albutt partilham idêntico sentir.

São as Infecções e as Intoxicações as principaes causas determinantes do atheroma e da arterio-esclerose.

Mais activas são as infecções crónicas.

Na primeira plana, dentre elas, figura a syphilis, cuja predilecção especial para as arterias é incontestável e vulgarizada.

A arterite, salienta Letulle, é encontradica em todos os períodos da lues.

Já no cancro, as arterias são lesadas pelos treponemas, a formigarem sobretudo na endartéria, consoante pesquisas de Levaditi.

Não são raras as arterites no período secundário, maximamente no encéfalo: Sézary publicou uma observação de arterite cerebral mortal, dois meses após a inoculação (Heitz).

Mas é durante o longo evolver do terciarismo que a avaria se localiza nas arterias.

Por ordem de frequência, os vasos mais vezes lesos são: a aorta; as arterias cerebrais, sobretudo as da base; as espinhas; as coronárias; as dos membros e emfim as arteriolas viscerais. (Heitz).

Na ultima emergencia, engendra a avaria, secundária ou simultaneamente, escleroses dos parenquymas.

Destacam-se, após a syphilis, outras infecções, em particular a tuberculose e o impaludismo.

Finalmente todas as infecções, productoras de arterite aguda, são susceptíveis também de determinar arterite crônica e atheroma: a gripe, a febre typhoide, as febres eruptivas, etc.

Na genese do atheroma e da arterio-esclerose desempenham papel saliente as intoxicações crónicas endógenas ou exógenas.

As substâncias tóxicas endógenas são sobretudo

representadas pelas que se formam no decurso de certas afecções diathéticas, como a gota, o diabetes, a obesidade; pelas que se geram e se retêm no organismo, na vigência das nefrítides crónicas com hipertensão arterial, etc.

Cite-se ainda a adrenalina, producto principal da secreção das capsulas suprarrenais, cuja ação sobre as arterias evidenciaram-na as experiências de Josué. Mostrou este auctor a possibilidade de determinar-se o atheroma aortico no coelho, injectando-lhe nas veias pequenas doses repetidas de adrenalina. Baseado em tal experimento, emitiu a opinião seguinte: poder o atheroma humano resultar do funcionamento exagerado das glandulas adrenais, vertendo na circulação quantidades excessivas de adrenalina. (Bergé).

Symbolizam os tóxicos exógenos, em especial, o álcool, tabaco, chumbo, os sais de calcio, os quales (dil-o Loeper), possuiriam certa afinidade para as paredes arteriais, sobretudo nos individuos edinos que já os não utilizam para a densificação dos ossos e a ossificação das cartilagens. (Bergé).

Assignalem-se, enfim, certos medicamentos, mesmo em dose moderada como o iodeto de potassio, de que se usa e abusa com o fito de combater a esclerose arterial: são capazes, segundo alguns eruditos, de provocar o aparecimento do atheroma e da arterio-esclerose.

E' a Thévenot que cabe o mérito de haver demonstrado, experimentalmente, a atheromasia gerada pelo iodeto de potassio.

Consoante o supracitado auctor, seria heresia terapêutica o emprego costumeiro de uma droga tão nocente, que pôde não só aggravar as lesões preexistentes, como também promover-as por si só.

Allegam, aliás, os scientes a inefficacia dos iodoetos alcalinos, na terapêutica da esclerose arterial e consequente hipertensão.

Usem-nos, em respeito à tradição. (Lian).

E em que pese aos feiticeiros, são, antes de tudo, agentes psychotherapêicos.

PATHOGENIA

Multifárias são as teorias propostas para explicar o mecanismo íntimo, o determinismo pathogénico do recimento do atheroma e da arterio-esclerose.

Desde épocas imemoriais contendem os scientes por esclarecer o modo pelo qual actuam os factores ateromatogénicos.

O método experimental, em voga há alguns annos, arroga-se a prerrogativa de destrinçar a questão.

São as que seguem as principaes teorias reinantes.

I. THEORIA NERVOSA

Sustentada por Lancereaux, assume a theoria nervosa a primazia chronologica.

Em seu apoio invocam os autores este argumento: De Giovanni provoca o atheroma aortico no cão, seccionando-lhe o sympathico thoracico.

Aliás, tal experiência contradictaram-na as de Schnell.

Os factores incriminados na etiologia agiriam por intermédio do sistema nervoso; tractar-se-hia de lesões neurotrophicás.

E' de todo abandonada hoje, pois que nenhum funda-

mento serio existe, sobre o qual se possa erguer a pathogenia nervosa do atheroma. (Heitz).

II. THEORIA FINALISTA

Os que, a exemplo de Riolan, sacrificavam á doutrina das causas finaes, consideravam a calcificação das arterias como um processo natural, previdente e feliz, proprio a manter dilatados os vasos na edade em que se cerceia a energia contractil do myocardio. (Bergé).

Surgia dest'arte a theoria finalista de Thoma, que teva grande repercussão ouirora e grangeou ephemero successo.

Eis no que consiste: a arterio-esclerose seria processo puramente senil; sob a influencia da velhice a arteria se dilata, retarda-se o curso do sangue; para que a onda sanguinea recupere a velocidade normal, espessa-se a tunica media e a arteria se adapta ao contendo (Pic e Bonnamour).

E' engenhosa, não ha negar.

Modernamente, porém, já ninguem acredita ser o atheroma função exclusiva e essencial da senectude.

III. THEORIA DA HYPERTENSÃO

Defendida sobretudo por Huchard, a theoria da hypertension presume que os factores de atheroma agem provocando espasmos das arteriolas.

A vaso-constricção consequente produziria hypertension arterial, e desta, a seu turno, seriam corollario modificações estructurales das arterias e arteriolas (Bergé).

Tal doutrina encerra, em parte, a verdade, a saber: que a maioria das substancias arterio-esclerogenicas são vaso-constrictivas e hypertensivas, como sóe acontecer com a adrenalina, a nicotina, o chumbo, etc.

Sem embargo, não permanecem em sciencia como dogma intangivel.

A opinião aceitável hoje é ser a hypertension arterial consequencia, e não causa, da atheromasia.

Aliás, muito se discutem ainda as relações morbidas entre a hypertension e a arterio-esclerose.

Ao inverso do estabelecido outrora, a hypertension não é constante na supradicta entidade morbida.

E é de molde a citar aqui as pesquisas de Ferranini, tendentes a demonstrar a existencia de arterio-esclerose com hypotension.

A Groedel reverte a gloria de haver, em exhaustivo trabalho, esmiuçado a questão relativa á hypertension e á esclerose arterial.

Resalta deste magistral estudo a seguinte conclusão: a maioria dos arterio-esclerosos com hypertension são, ao mesmo tempo, nephriticos, não obstante poder existir tal symptomá naquelle estado morbido, e mesmo em outros eventos pathologicos, sem lesão concomitante dos rína, sem participação delles na affecção vascular (Pic e Bonnamour).

Desenvolvendo ainda mais o problema, Josué assevera que, nos casos em que os rína são illosos, se ha de pensar na hyperepinephria, antes de admitir a hypertension primitiva, como se a concebia antigamente.

IV. THEORIA DA CALCIFICAÇÃO

Em voga desde longa data e admittida sem discrepan-

cia, a sobredicta doutrina explica o desenvolvimento da arterio-esclerose e do atheroma arterial pela formação de depositos calcareos metastaticos nas arterias, por supersaturação do sangue, em consequencia de uma reabsorção dos saes de calcio.

Seja como fôr, constitue a calcificação, no atheroma, um processo de defesa contra a ruptura possivel das arterias alteradas, e que convém respeitar (Josué), ao envés de combatê-lo, como preconizam alguns (Rumpf e Ferrier), pela medicação acida.

V. THEORIA DA HYPEREPINEPHRIA

As memoraveis pesquisas de Josué, em 1903, assignaram o inicio de nova era para a historia do atheroma experimental, pela descoberta da ação atheromatogénica de uma das substancias vaso-constrictivas por excellencia, a adrenalina (Pic e Bonnamour).

Demonstrou o supracitado auctor ser possível engendrar o atheroma aortico no coelho, injectando-lhe nas veias da orelha, de dois em dois dias, III gottas da solução de adrenalina a 1.1.000.

As lesões que se obtêm, apôs repetir as injecções 8 a 10 vezes, lembram em todas as minúcias, macroscopicas e histologicas, as do atheroma aortico humano.

Presumindo que a adrenalina actua como o producto de secreção específica da capsula suprarenal, Josué opina que este organo desempenha, por seu hyperfuncionamento, papel importante na genese do atheroma.

Seria a seguir-se a pathogenia dos accidentes: o hyperfuncionamento adrenal (hyperepinephria) produziria a hypertension arterial (Vaquez), e esta, a seu turno, originaria o atheroma (Pic e Bonnamour).

De feito, certos exames histologicos das dictas glândulas, em necropsies de atheromatosos, permittiram surpreender alguns indicios de sua superactividade funcional, a saber: hyperplasia da camada glomerular, hyperplasia nodular, transformação esponjosa das cellulas da camada cortical, hyperpigmentação da substancia reticulada, etc. (Bergé).

Interpretam os scientes, de diversos modos, e a bel-prazer de cada qual, a ação da adrenalina, na genese da atheromasia arterial.

Para uns, actuaria pelas crises hypertensivas que seguem cada injecção e que se complicam de edema pulmonar, toda vez que a dose administrada é mais forte (Heitz); destas variações consideraveis e rápidas, subitas por vezes, no estado da tensão sanguínea, resultaria uma ação traumatizante, depois necrosante, sobre o tecido elástico das arterias, seguida de inflamação reacional consecutiva: é a theoria mechanica (Pic e Bonnamour).

Para outros, agiria a adrenalina a titulo de toxico.

Em prol desta concepção ha o seguinte argumento: as experiências de Teissier e Thévenot, em que a adição de cholina à adrenalina, de modo a neutralizar-lhe a ação hypertensiva, não lhe inhibia o poder atheromatogénico, corroboram a valer a theoria toxica.

Accrescente-se ainda que o extracto do lobo posterior da hypophyse, fortemente hypertensor, já mal provoca atheroma (Heitz).

Interessante como as que mais o sejam, a doutrina da hyperepinephria é hoje consagrada, senão por outro merito, ao menos pelo acre sabor de novidade...

VI. THEORIA DA HYPERCHOLESTERINEMIA

E' a mais recente.

Tal hypothese aventára, em 1911, Lemoine (de Lille). Em apoio de sua interessante concepção pathogenica, adduz o auctor vasto repositorio de documentos experimentaes e observações clinicas, em successivas publicações.

Baseia se esta nova theoria sobre a existencia de considerável proporção de cholesterina nas arterias esclerosadas e placas de ateroma.

Este sedimento cholesterico acarreta ulteriormente o deposito de saes calcareos.

Dosando a cholesterina em arterias escleroticas e ateromatosas, Gérard encontrou quotas anormaes, orgando, ás vezes, por 2 gr. 50 e mesmo 3 gr. %.

A cholesterina é tanto mais abundante, quanto mais desenvolvido o ateroma.

Registe-se este facto interessante: em uma arteria sã, de todo normal, nem sequer traços existem da supradicta substancia.

"A presença da cholesterina é, pois, a consequencia de um processo pathologico que se desenvolve nos ateromas". (Lemoine).

As verificações experimentaes (injecções de adrenalina e nicotina, em coelhos), empregadas pelo illustrado professor da Faculdade de Medicina de Lille provam que o ateroma experimental, como o humano, se caracteriza pela riqueza de cholesterina nas placas; este deposito cholesterico nas arterias parece operar-se sob a influencia da intoxicação lenta devida a certos venenos, taes como a adrenalina e a nicotina.

Estejado em taes argumentos, julga Lemoine ser o desenvolvimento da esclerose arterial e da ateromasia a consequencia da superprodução de cholesterina no fígado

e em diversas glandulas, para lutar contra os venenos que invadem a torrente circulatoria.

A quantidade de cholesterina assim produzida, circulante, se torna superior á que o sangue pôde ter em dissolução e se deposita, dest'arte, nas paredes dos vasos.

E' por esta razão que, consoante o sobredicto auctor, a arterio-esclerose desenvolve-se geralmente como resultado dos diversos modos de infecção e de intoxicação; agiram com maior intensidade e efficacia as infecções chronicas ou as intoxicações lentas.

A esclerose das arterias é, em ultima instancia, apenas o epilogo de um trabalho de defesa intentado pela economia contra os agentes exteriores.

A cholesterina, por sua função antitoxica, é a potencia defensiva (Lemoine — Pathogénie de l'artério-sclérose et des thromboses artérielles — De la Pathogénie de l'artério-sclérose — Revue Moderne de Médecine et de Chirurgie; 1918, n.s 9 a 11 e 12).

Taes são, em rapido bosquejo, as principaes theorias pathogenicas que, no momento actual, se defrontam, porfando cada qual por grangear a primaria e disputar a palma, na interpretação do determinismo etio-pathogenico do ateroma e da arterio-esclerose.

E desde já digamos não se avantajar nenhuma delas ás demais.

Transluz, do exposto passos atrás, não ser univoca a pathogenia dos sobredictos estados morbidos; complexo, ao reverso, é seu mecanismo íntimo, exigindo a intervenção e cooperação de diversos factores, não raro associados: sobresaem, na primeira plana, a hypertensão (e mais que ella, as variações subitas da pressão sanguínea), e os agentes toxicos ou infectuosos, quasi sempre a actuarem de conluio.

Ahi tendes o que de maior monta ha esparsos nos compêndios sobre o conceito hodierno da arterite chronica, ateroma e arterio-esclerose.

ALASTRIM

pelo Dr. Tude de Godoy
(de P. Pedroto)

«Definição (do verbo latino *definio*, precisar, demarcar, limitar), é a determinação do sentido de uma palavra ou da natureza de uma coisa.»

«Toda definição deve ser más clara que el definido.» Felix Casado;

— Definição. enumeração dos atributos, qualidades proprias e exclusivas de uma coisa, de modo que a torne conhecida, *distinguindo-a de todos as outras coisas*. Caldas Aulete — Diccionario Contemporaneo e «Encyclopédia e Diccionario International»;

Définition «enoncéation des qualités propres d'un object; une bonne définition ne doit s'appliquer qu'à l'object défini». Larousse — Dictionnaire encyclopédique;

Definición «exposición clara, exacta y precisa de la naturaleza de alguna cosa» Diccionario publicado pela academia espanhola, annotado por Vicente Salvá.

Adoptando o erroneo criterio seguido pelo meu impugnador, febre typhoide seria:

«molestia parecida com as paratyphoides» e definiríamos as paratyphoides:

«são molestias semelhantes á febre typhoide»

E' certissimo, porém, que ninguem daria estas definições

Contestação ao parecer do Dr. Thomaz L. Mariante

Em os archivos Rio-Grandenses de Medicina (n.º 9 — 1922 — pagina 202), abajo da resumida comunicação que fiz á Sociedade de Medicina de Porto Alegre, — sobre alastrim, — surge o parecer dado áquellas poucas linhas pelo Dr. Thomaz Larangeira Mariante.

Lendo este trabalho do Illustrado Professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, nota-se para logo que, amiude, as censuras surgem onde só cabiam perguntas e também resaltam de subito, a cada passo, pequenos senões commettidos por aquele estudioso cathedratico.

Ferrei estes deslizes com critica sincera e imparcial, valendo-me da oportunidade de, por esta folha medica, trazer minha defesa.

Numa e outra situação sómente me animará o esclarecimento da verdade scientifica.

Encetamos a analyse do alludido trabalho pelo capítulo da definição.

A definição dada: «sob o nome de alastrim tem sido designada clinicamente por um exanthema muito semelhante ao da varioja e por uma extrema benignidade.», não é uma definição, porque:

apesar da symptomatologia das paratyphoides reflectir ás vezes tão singularmente a da dothienenteria, a ponto de, só com o socorro do laboratorio se conseguir discernil-as, tal nos ensinam Vincent e Muratet (*Fièvres typhoides et paratyphoides*. 1917); apesar de que «rien de plus difficile en clinique que le diagnostic entre les fièvres typhoides et paratyphoides». *Journal des Praticiens* — 20 — VIII — 1921.

Si na definição vê-se accentuada a *extrema benignidade*, adeante nos surprehendemos com esta exclamação:

«Senhores, a benignidade do alastrim, porém, pôde, de um momento para outro falhar surgindo as formas graves, em tudo identicas ás da variola vera,...»

«Floriano de Lemos diz: «o alastrim é doença grave do que se supõe, embora menos grave do que a variola confluente; notando-se predilecção da infecção para o coração e rins, com tendência ao colapso, mesmo nos casos mais benignos, e até na convalescência.»

«A. Carini, na sessão de 8 de Outubro de 1913, da Société de Pathologie Exotique, demonstrou com dades officiaes, que em S. Paulo, no anno de 1912, um e meio após o começo da epidemia, a percentagem de casos fataes elevara-se a 14,44 %, portanto, muito se approximando da das epidemias de variola (na Alemanha de 1875 a 1897 ella foi de 13,62 % e na Inglaterra foi de 9,2 % de 1888 a 1898).»

«Ennunciar os atributos e qualidades de (uma cousa), por forma que esta se não confunda com outra áé o que se chama definir e tal não o fez o Dr. Mariante que deveria transportar *exanthema* muito semelhante ao da variola» para o capítulo — diagnostico diferencial, — e *extrema benignidade* para o do prognostico.

Sem intenção pejorativa de depreciar, não podemos deixar de evidenciar que o collega colheu todo material de seu trabalho em autores nacionaes e que não estudou o alastrim no extrangeiro, assumpto este a que se não podia furtar quem promete traçar o historico da molestia.

Com efeito, neste estudo, feito mui incompletamente, limitou-se o autor a enunciação de alguns trabalhos nacionaes, não dedicando uma linha siquer aos extrangeiros.

Cabia entretanto (nem mesmo podia faltar) a figuração indispensavel da obra de Moody (Março de 1922) sobre a epidemia de alastrim verificada na Jamaica. Moody falla de 6.000 casos observados na ilha, sendo que 2912 passaram pelo Hospital de Isolamento de Kingston

No capitulo — symptomatologia —, «para melhor juizo dos collegas», resolveu o Dr. Mariante «expôr minuciosamente os varios trabalhos publicados», passando a encher columnas, muitas columnas, com a materia promettida.

Estas citações têm sua presença explicada porque o orador, numa phase de distração, imaginou-se na Cathedra, pontificando para os discípulos, esquecido de que os ouvintes eram medicos e dos mais eruditos e, portanto, capazes de formar juizo do thema em foco, sem exposição detalhada de trabalhos conhecidos.

Na communication que fiz a propósito da epidemia de alastrim em Dom Pedrito, encontrei o meu antagonista alguns pontos que «se prestam a gerar a duvida e a confusão no espirto do leitor», cabendo-me portanto, agóra, o dever de suprir esta confusão para surgir a verdade neutralisadora da duvida.

Esmincemos um por um.

«Não nos dá o Dr. Godoy, o periodo de incubação da febre exanthematica em questão.»

Asseverando que não tenho dados seguros para dizer qual a duração do periodo de incubação do alastrim, respondo á censura que me foi feita, uma das tantas que no inicio destas linhas opinavamos fossem substituidas por perguntas.

Também o Dr. João Cândido, membro da Academia de Medicina, que, na opinião do Dr. Mariante, deu resposta «mais completas» ao questionario enviado pelo Dr. Nilo Cairo à classe medica de Curityba, respondeu á pergunta: «Qual a duração do periodo de incubação?», de modo seguinte: «Esse periodo parece ter a duração de 6 a 12 dias, segundo alguns dados poucos seguros que conseguimos colher.»

Si, mercê da fallencia de dados de confiança não me referi á incubação, por outro lado o Dr. Mariante, sem observações vazadas no criterio pessoal, não deveria nos dizer que este periodo é em média de 6 a 12 dias, porque estes numeros não representam a média dos dados com que jogou o autor do parecer sobre minha communicação, e fornecidos pelos Drs. João Cândido (6 a 12 dias), Miguel Santiago (maior incubação 4 dias) e Petit Carneiro (2 a 6 dias), em cuja base teríamos a média — 3,66.

Para salientar divergencias e o nosso acerto, diremos que foi de 12 a 14 dias a duração do periodo de incubação em perto de 3.000 asos de alastrim. Esta notícia lê-se nos *Annals of tropical Medicine and parasitology* (Março de 1922, 16, N.º 1).

Queixou-se o Dr. Mariante de não ter eu especificado o tipo de rash observado em um caso de alastrim e foi razoável na sua curiosidade que satisfago agóra, dizendo-lhe que era escarlatiniforme.

Concordo que, para maior clareza, deveria eu antes de fallar em pustulas dizer que provinham da transformação das vesículas. Sua existencia, porém, ficou patenteada quando fiz referencia ao seu conteúdo.

Aquella noção, todavia, é de conhecimento vulgar, muito sabida dos medicos, inclusive d'aqueles que jamais viram alastrim e neste grupo está o Illustre autor do parecer que, infelizmente, deixou de observá-lo quando foi do surto epidemico verificado em Porto Alegre, no anno de 1917.

Rendo-lhe entretanto homenagem merecida, não atribuindo este facto a desamor pela profissão que abraçou e que tanto honra.

Diz o Dr. Mariante não ter podido compreender a descrição que dei dos caracteres da erupção:

«Não posso compreender bem uma erupção que iniciada na face, em a mór parte dos casos, extende-se pelo tronco e membros...» faz-se «por surtos successivos», apresentando, contemporaneamente, «maculas, papulas, vesículas e mesmo grupos em periodo de secca...».

Julgo que enquanto o Illustre autor do parecer não comprehender a descrição acima, não poderá, nem vislumbrar os grandes caracteristicos da erupção no alastrim; não poderá, portanto, perceber em como se diferencia da variola.

Tão evidente e exacta é a descrição em analyse, que sinto-me embarçado em fazê-la com mais clareza; nem posso atinar bem com a sombra que se mostrou impenetrável á luminosa intelligencia do collega.

Repto, antes de tentar explicação mais clara, que minha

observação, nesta questão, concilia-se com a descrição feita pelo Dr. Azevedo.

Vamos mostrar agora que a comunicação não poderia erguer duvidas e, para isso, responderemos ao que o Dr. Mariante não entendeu, reproduzindo fielmente, textualmente, palavras nossas, escriptas nequelle comunicação.

O meu collega quer saber si a erupção *vem* por grupos ou si *apparece* por grupos, fazendo esta distinção:

vem por surtos successivos existindo no mesmo ponto do tegumento externo elementos eruptivos em phases diversas de sua evolução

ou

Apparece por grupos contemporaneamente elementos em periodo de secca no rosto e nas demais phases no tronco, braços e pernas.

Resposta em que são utilizados os termos empregados na comunicação:

— *Vem* por grupos?

Vem.

Por surtos successivos?

«Faz-se por surtos successivos.»

— Existem no mesmo ponto do tegumento externo, elementos eruptivos em phases diversas de sua evolução?

«contemporaneidade de maculas, papulas, vesículas e pustulas sobre um determinado ponto do corpo.»

— *Apparece* por grupos?

Apparece.

— Primeiro no rosto, depois no tronco, braços, membros inferiores?

«Iniciada na face, extende-se pelo tronco e membros.»

— Vendo-se contemporaneamente elementos em periodo de

Claro que não, pois ha «contemporaneidade de maculas, papulas e pustulas sobre um determinado ponto do corpo», «a secca no rosto e nas demais phases no tronco, braços e pernas; erupção faz-se por surtos successivos», e «contemporaneamente vêni-se — maculas, papulas, vesículas e mesmo grupos em periodo de secca.»

Só seria aceitável a duvida para quem entendesse que o rosto só é attingido por um surto eruptivo e que as demais regiões o são por «surtos successivos.»

Era indispensavel que eu nomeasse em a comunicação o ponto de inicio da erupção e, pela descrição dada, evidenciou-se que ella não se generalisa «d'emblée».

Pelo facto d'uma erupção iniciar-se na face fica tolhida de surgir em surtos successivos?

A contemporaneidade de maculas, papulas, vesículas e pustulas e mesmo grupos em periodos de secca num determinado ponto do corpo é resultante dos surtos successivos.

Quando eu digo «iniciada na face» eu não digo terminada nessa região. Quando a erupção attingiu a planta dos pés ainda surgem no rosto (novos surtos) maculas que experimentarão ulterior transformação.

Dr. Mariante: o que escrevi é a expressão da verdade e poderá ser confirmado por quem tiver visto um caso de alastrim.

Acha difícil o critico de meu trabalho que, no caso de uma erupção «que se dê em surtos successivos, existindo con-

temporaneamente elementos em periodos differentes, de sua evolução» precisar si a febre é devida aos novos surtos eruptivos ou à suppuração dos elementos já existentes.

Reaffirmo a existencia da febre secundaria em grande numero de casos de alastrim por mim cuidados e, com a explicação que se segue, estou certo que o meu collega poderá aceitá-la:

— 1.º) A maioria das pustulas tardam em attingir o periodo de dessecção e é por isso que, constituídas em grande numero, dão lugar á febre.

2.º) A pustulação dá-se, geralmente, 4 a 5 dias após o inicio da erupção.

A febre que apparece do 4.º dia em diante é pois, justificadamente denominada — secundaria ou de suppuração.

Também o Dr. Miguel Sampaio diz que se dá a remissão da febre quando a erupção é pequena ou sero-purulenta e que «nos casos de secreção francamente purulenta, a febre persiste elevada (febre que reputo de suppuração).»

Analysando os argumentos adduzidos pelo Dr. Godoy nessa diferenciação (alastrim e varicella) somos obrigados a dizer que só os seguintes são de valor: «a varicella é quasi especial á infancia, acomete indiferentemente vacinados... muitos doentes de alastrim informam terem tido, anteriormente, varicella.» «Quanto aos outros são muito fracos, porque, ha muitos casos de varicella com temperatura elevada, embora, na maioria dos casos, assim não seja; o mesmo podemos dizer da efflorescencia, que pôde ser abundantissima.»

Dr. Mariante:

Antes de tudo é preciso dizer que não appellei — fortes — todos os argumentos citados; nem fiz distinção entre frágeis e fortes.

Cuida-se em tales cases da regra e não das excepções e é por isso que apparece — temperatura elevada e exanthema abundantissimo, que constitui a regra no alastrim e a grande excepção na varicella.

Mas,... «o erro dos polemistas é generalizar os casos particulares.» Roger. La Médecine.

Consignamos desde já este facto: o Dr. Mariante, excellentemente orientado, affirma que varicella e alastrim são bem diferentes e que o mesmo não se dá com a variola modificada de Rousseau e a primeira, isto é, a varicella.

Pois bem, pouco além encontramos o proprio Dr. Mariante confundindo variola modificada de Rousseau com o alastrim, e é quando diz:

«Meus senhores, o termo alastrim deve ser considerado como synonymo de variola modificada de Rousseau.»

E' verdade que citei a opinião de Talamon e que, «sem maiores argumentos» (deveria dizer sem argumentos), conclui categoricamente: «o alastrim deve ser considerado molestia autonoma e incluida no grupo variolico, entre varicella e variola.»

Por sua vez o collega, sem maiores argumentos, conclue que não se deve admittir tal opinião, que chama — «a velha opinião», esquecido de que esta velhice (20 de Janeiro de 1894) é mais recente que a de outra opinião, a de Rousseau (que morreu no dia 23 de Junho de 1867), sendo que este ultimo lhe vai servir de argumento para pretender demonstrar que alastrim deve ser considerado como synonymo de variola modificada.

Trago estas datas para mostrar a contradicção do collega e não porque concorde em atirar para o desprezo os trabalhos de notaveis scientistas só pelo facto de terem surgido em épocas remotas.

Velho não é equivalente de ruim.

Também não quero sustentar a opinião de Talamon, que apenas citei na comunicação.

Insisto em que o alastrim deve ser considerado molestia autónoma.

E' escudado na clínica que me baseio para avançar tal conclusão que será destronada si um dia o laboratorio verificar identidade de germens (para variola e alastrim).

Não foi exclusivamente apoiado em dados clínicos que o Dr. Mariante aceitou a não identidade do alastrim e varicella?

Sim, e a justera de nossa assenção ahi está: «a preferencia da varicella pela infancia, ao passo que o alastrim atinge, indiferentemente todas as idades, o facto de acometer, igualmente vacinados, e não vacinados, escolhendo o alastrim, principalmente, os não vacinados; a existencia de variola nos antecedentes pessoais de muitos doentes de alastrim (casos dos Drs. João Cândido e Godoy), ao lado das modalidades diversas do quadro clínico, conforme acabamos de passar em revista, são de molde a não deixar duvidas quanto a não identidade das duas molestias.»

Agora, quando se trata da diferenciação entre alastrim e variola, porque não aproveitar também os dados fornecidos pela clínica?

Enquanto não se fixar os pontos litigiosos, alastrim será molestia distinta da variola; a clínica afastou-as, restando o pronunciamento do laboratorio.

O collega disse que conclui pela autonomia do alastrim, estejado em trabalhos do Illustartado Dr. Beaurepaire Aragão mas presentemente, já pôde ver que pensou erradamente, tão diverso e o ponto de vista daquele autor.

Argumenta o Dr. Mariante com fragilíssimos elementos para concluir pela identidade do alastrim com a variola, socorrendo-se dos dados fornecidos pela duração dos períodos de incubação e invasão e com a presença, excepcional, de rashes no alastrim.

A seguir, porém, com melhores argumentos, mostra a distinção clara existente entre alastrim e variola, apontando poucos dos muitos traços de separação.

Esta attitude, desafortunadamente, é pouco duradoura, pois apesar de declarar que ha elementos que *cobrigam a separar o alastrim da variola vera*, abandonando este entendimento porque visa concluir pela identidade do alastrim com a variola, argumenta com esta exclamação:

«Senhores, a benignidade do alastrim pôde falhar...», allegação esta batida vantajosamente com a estatística mencionada no parecer e fornecida pelo Dr. Aragão (em 10.000 casos observados no Brasil, a mortalidade foi de 1 ½ a 2 ½ %, o que se não dá na variola vera, cuja mortalidade nos não vacinados é, quasi sempre de cifras enormes.)

Com a regra é que se deve tirar illações.

Vem agora dous outros argumentos:

«Havendo o laboratorio demonstrado com Carini que o alastrim é inoculável na cornea do coelho, como a variola, determinando, como ella o apparecimento nas cellulas epitheliaes dos corpusculos de Guarnieri, que, apesar de Netter os ter encontrado na varicella, são de facto mais communs na variola; e com Aragão que os microbios n'elle encontrados eram muito semelhantes aos que se suppunha serem da variola. resta-nos, para provar a identidade do alastrim com a variola, explicar...»

Para responder ao primeiro, isto é, *ao dos corpusculos de Guarnieri*, dou a palavra ao notável Dr. Azevedo:

«O Dr. Carini em seu trabalho desprezando o quadro clínico, como homem de laboratorio, tão sómente procurou contestar a opinião do Dr. Ribas.

«Apreciando a argumentação do Dr. Carini não nos vexa

firmar que esse collega segue determinismo philosophico scientifico errado.»

«O Dr. Carini faz taboa rasa sobre a symptomatologia completamente diversa do alastrim da variola vera; fundado tão sómente na reacção obtida pelo conteúdo da pustula da variola ou do alastrim numa pequena bolsa do epythelio da cornea do coelho, reacção que se caracteriza pela presença nas cellulas epitheliaes dos corpusculos de Guarnieri, conclue que o alastrim e variola vera são uma e mesma molestia.»

«O Dr. Carini teria razão caso não houvesse outra molestia em que fossem observados estes corpusculos de Guarnieri.»

«E' sabido que na vaccine e na lympha da varicella são observados os corpusculos de Guarnieri, perdendo assim todo o valor as affirmações do Dr. Carini. Em apoio das considerações acima vos trago opiniões diversas de scientistas de valor, nacionaes e estrangeiros.»

«O Dr. Marchoux, conhecido membro do Instituto Pasteur de Pariz, apreciando a comunicação do Dr. Carini na «Société de Pathologie Exotique», de 11 de Janeiro de 1911, diz — «que á vista dos dados apresentados pelo Dr. Ribas, sente-se com hesitação a seguir a opinião do Dr. Carini. Diz que a simples observação da presença dos corpusculos de Guarnieri na cornea de animaes inoculados com o líquido das pustulas de alastrim não bastam para convencer.»

«Esta reacção da cornea do coelho só pôde revelar parentesco entre as duas infecções.» Observa-se, com effeito, a formação dos corpos de Guarnieri com a vaccination e também com a lympha da varicella.»

«Como vemos, o Dr. Marchoux, de longe, sem ter visto casos clínicos, impressionado tão sómente pela descrição feita pelos Drs. Ribas e Carini, contesta «in limine» a opinião do Dr. Carini.»

«O Dr. Marchoux, homem de laboratorio, diz: — se o laboratorio cada dia tem um papel mais importante na diagnose das molestias, não se pôde abandonar os dados clínicos.»

«Julgando tão sómente pelos trabalhos de laboratorio, o Dr. Carini foi levado a erro, vendo-se só e desamparado nesta questão.»

«O Dr. Beaurepaire Aragão no seu interessante artigo, diz: a presença de microbios semelhantes aos da variola no alastrim e a observação de corpusculos semelhantes aos de Guarnieri nos cortes de pustulas nas cornetas inoculadas não falam muito pela identidade do alastrim e da variola.»

«E' sabido que microbios com a mesma morphology dos da variola se encontram na vaccine, no epyteloma das aves e n'os temos encontrado na varicella.»

«Por outro lado elles existem ainda em outras doenças devidas aos chlamidosoarios.»

«Recentes pesquisas de Bertarelli (1909), Keisselitz e Meyer (1909) e de Levaditi (1911) provam que na varicella se encontram corpusculos semelhantes aos de Guarnieri, ninguém por isso considera a varicella como variola vera. (Gazeta clínica — S. Paulo — Junho, 1911).»

Com muito acerto o Dr. Mariante põe fôra de dúvida a não identidade do alastrim com a varicella, menosprezando, com bastante razão, a possibilidade de determinar o apparecimento dos corpusculos (na cornea dos animaes, por inoculação) numa e outra molestia.

Chegado porém o momento de pretender mostrar a identidade entre variola e alastrim leva logo em conta a presença dos corpusculos de Guarnieri na cornea de animaes inoculados com líquido proveniente de pustula de alastrim, no que se mostra esquecido de que este resultado também é obtido com a lympha da varicella.

Do esmagamento do segundo argumento — *o dos micro-*

hos semelhantes, encarrega-se o proprio Dr. Mariante, que o faz quando diz:

«A causa eficiente do alastrim ainda nos é desconhecida; e todos os autores por mim compulsados e dos mais modernos, consideram a variola como molestia de germen desconhecido.»

Desconhecidos que são os germens de uma e outra molestia, como se poderá concluir pela sua identidade?

Adduzindo provas para demonstrar a identidade de variola com o alastrim, espôsa o Illustre analista a opinião de que o alastrim é infecção mais leve do que a vacina, atitude esta que, estou convencido, assumiu por descuido dado o absurdo do enunciado e a contradicção em que cahe.

Com efeito, para quem viu um caso de alastrim, passa a ser o maior dos absurdos enxergar nesta molestia uma infecção mais leve do que a vacina.

Si a symptomatologia, sequencias e coefficiente de mortalidade da vacina fossem semelhantes (nem se parecem, tanto se distanciam) a vacinação anti-variólica — recurso valioso de prophylaxia, cuja efficacia não mais carece demonstradas (*), seria impraticável.

A contradicção referida acima patenteia-se quando se confronta os dados sobre percentagens de mortalidade do alastrim, que o próprio Dr. Mariante transportou para o seu trabalho e os, de conhecimento vulgar, referentes a vacina.

Si a vacinação jenneriana matasse 2 a 3 %, às vezes 1444 %, seria repelida por todos e não teríamos a felicidade de repetir a phrase do sabio Oswaldo Cruz: «Tem variola quem quer.»

Diz o Dr. Mariante:

Meus senhores, o termo alastrim deve ser considerado como synonymo de variola modificada de Trousseau e, pouco adiante, desprezando esta sua opinião pronuncia-se assim: «o alastrim deve pois, ser descripto, entre as fórmas attenuadas ou modificadas da variola, *ao lado do variolóide*, que delle se afasta por sua crupção, via de regra, menos abundante e do qual só poucos elementos chegam á phase de pustulação.»

Isto nos leva á dedução lógica de que o meu Illustre antagonista ora entende que alastrim e variola modificada são uma e mesma cousa, ora estão lado a lado e podendo portanto, neste ultimo caso, serem molestias inteiramente distintas.

Para terminar, e a guisa de conclusões utilisa-se o Dr. Mariante das razões «em que se se apoiou Floriano de Lemos para afirmar que o alastrim não passa de fórmas, geralmente benignas da variola vulgar» e então volta a desprezar os conhecimentos modernos auridos em boas fontes e que lhe deram a convicção de que o germe determinante da variola é ainda desconhecido, para aceitar que o alastrim tem o mesmo germe pathogénico da variola.

Despreza também o que antes escrevera e é por todos reconhecido: — alastrim, varicella e variola são inoculáveis na corneia do coelho, «determinando o apparecimento, nas células epitheliaes dos corpusculos de Guarnieri», — para admitir que «a reacção de Guarnieri é a prova bacteriológica clásica da variola.»

Linhos acima, com a forte e irretorquível documentação de Azevedo, ficou sabido que esta prova não é exclusiva da variola: também com a vacinação e lympha da varicella, observa-se a formação dos corpos de Guarnieri.

O meu Illustre contraditor que só aprecia os grandes argumentos, transcreve, para provar a identidade do alastrim

com a variola, mais o seguinte, também de Floriano Lemos: «o alastrim trata-se da mesma maneira que a variola», argumento este que, por sua extrema debilidade dispensa comentários.

E' chegado o momento de mostrar que variola modificada de Trousseau e alastrim não são synónimos como pretende o Dr. Mariante; que este collega transcrevendo, para corroborar esta affirmativa, longo trecho do livro de Trousseau, ficou mal amparado.

Com efeito, os pedaços do referido livro trazidos para o trabalho do meu collega, prendem-se á questão da identidade e não identidade da variola modificada com a variola vera, concluindo o notável Mestre pela affirmativa.

Os trechos do livro de Trousseau que deveriam ser transcritos, são outros, são os que eu vou buscar, dirigindo-me á pura fonte, abrindo o livro daquelle grande clínico (*Clinique Médicale de l'Hotel Dieu de Paris — X edição*), no capítulo — variole modifiée, paginas 78, 79 e 80, para passal-os para este texto:

«qu'un malade atteint de variole légitime, discrète ou conflue entre dans une salle où se trouvent des individus vaccinés, mais ne jouissant plus de l'immunité vaccinale d'une manière suffisante, ces individus pourront prendre la variole, mais elle se présentera avec les allures différentes de la variole légitime; ils auront la variole modifiée. Réciproquement, un malade affecté d'une variole modifiée, la plus simple, la plus bénigne, se trouvant en contact avec un individu qui n'a jamais eu la variole, qui n'as été vacciné, celui-ci pourra prendre une variole, non plus modifiée, mais une variole légitime, discrète ou conflue; et cet individu, transmettant à son tour à un troisième la contagion variolique, ce troisième, prendra la variole qui sera légitime ou modifiée, suivant qu'il se trouvera dans les conditions du second ou du premier malade.»

«La variole et la variole modifiée sont donc bien identiques, puis qu'elles s'engendrent réciproquement.»

«... à l'hôpital des varioleux de Londres, on recevait de temps en temps des individus, qui disaient avoir été vaccinés, et Jenner avoue lui-même en avoir vu quelques-uns; mais comme alors on voulait que la vaccine ne pût jamais faire défaut, on pretendait que ces varioleux avaient été mal vaccinées et leurs varioles passaient pour être légitimes.»

«L'influence qu'exerce sur l'économie le virus varioleux, les modifications qu'il imprime à l'organisme, étant nécessairement subordonnées à la predisposition acquise par cet organisme sous l'influence d'une variole, ou, ce qui revient au même, par le fait, sous l'influence d'une vaccination antécédente, il en résulte nécessairement qu'une seconde inoculation variolique produira sur l'économie des effets variés, proportionnés au degré d'immunité qui lui aura été conferé antérieurement, et dont elle jouira encore plus ou moins complètement.»

A variola modificada, forma abortiva da variola vera, verificável em as epidemias desta molestia, acomete pois, muito preferentemente os individuos dotados de imunidade incompleta (vacinados ou revaccinados e os que tiveram variola).

A variola modificada «representa a forma mais commun da variola, nos países em que se pratica a vacinação.»

Afóra os vacinados, observa-se algumas vezes em individuos que tiveram variola vera...) Romberg-in Tratado de pathologia interna de Mering (da Universidade de Halle).

«Na variola modificada a erupção é escassa.» «Com mais frequencia que na variola a erupção é precedida dos rashes.» «Poucas papulas chegam a formar pustulas.» Unger (da Universidade de Vienna) Enfermidades das crianças,

E o alastrim?

(*) Prof. Henrique Tanner. Livro Jubilar do Prof. Rocha Faria.

O alastrim difere da variola modificada pelo não-abortamento da erupção; por seu desenvolvimento sem coexistência de epidemia de variola; por não surgir nos vacinados ou revaccinados recentemente.

Devemos acrescentar que os rashes, frequentes na variola modificada (mais frequentes que na variola vera), são raramente observados no alastrim; que o desenvolvimento dos elementos eruptivos, variável na variola modificada, não é no alastrim; que a erupção abundante no alastrim, é fraca

na variola modificada; que a pustulação, de regra no alastrim, raramente é presente na variola modificada.

Dando remate a estas linhas peço, ao acatado Professor Dr. Thomaz L. Mariante, desculpar a petulância de modesto clínico de campanha que entendeu encontrar falhas em trabalho de um tão Ilustre catedrático da nossa gloriosa Faculdade de Medicina de Porto Alegre.



LABORATORIO BIOLOGICO „YGARTUA“

Ao corpo medico Nacional



ASMATOL

SOLUÇÃO INJECTAVEL DE CHLORHIDRATO DE ADRENALINA E HYPOPHYS NA

TRATAMENTO DA ASTHMA EM SERIES: N.º 1, 2 E 3

OVARIOL

COMPRIMIDOS CONTENDO 20 CTGS. DE OVARIO
TOTAL DISSECADO CORRESPONDENDO A 0.08 DE
CORPO AMARELLO (OVOCITO)

INDICAÇÕES: { CHLORAREMIA
MENOPAUSA
DYSMENORRÉA
AMENORRÉA
PSYCHOSES de formas ciclicas, etc.

Farbwerke vorm. Meister Lucius & Brüning, Hoechst am Main

Únicos Representantes para o Brasil: JUAN JUERGENS & Cia.

Rua Alfandega N. 120
RIO DE JANEIRO

Rua Florencio de Abreu N. 108
SÃO PAULO

SALVARSAN PRATA

PARA INJECÇÕES ENDOVENOSAS DE SALVARSAN
TUBOS ORIGINAIS

Ampola de 0,05 grammas (5 Centigr.)
" " 0,1 " (10 ")
" " 0,15 " (15 ")

Ampola de 0,2 grammas (20 Centigr.)
" " 0,25 " (25 ")
" " 0,3 " (30 ")

Literatura Clínica ao dispor dos Srs. Médicos

CUIDADO COM AS FALSIFICACOES DE SALVARSAN !!!

Muitos interessados nos enviaram embalagens falsificadas de Salvarsan e Neosalvarsan, que como parece, foram fabricadas em maior escala e em parte exportadas para o estrangeiro. Os envelopes, cartões, rótulos internos e externos e os carimbos, como também as bulas são imitados de modo muito parecido. As ampolas contêm um pó amarellado, semelhante ao Neosalvarsan. Este pó é um composto de Chromato de chumbo tóxico, misturado com gesso e sulfato de buriya, de Sal enido e de Bicarbonato de Sódio, etc., em que nem um traço dos principios ativos do Salvarsan foi encontrado.

Precaução particular aconselhamos com os chamados tubos "para o além de mar", vendidos pelos medicinais legítimos e nunca foram fabricados tais por nós e entregues no consumo. Aus Srs. Médicos rogamos no seu próprio interesse de não utilizar as caixinhas de papelão, as bulas, etc., dos preparados de Salvarsan e não fornecer-las a compradores eventuais que pretendem empregar tais acessórios unicamente para fins fraudulentos. Clientes guardam portanto só o seu próprio interesse comprando preparados de Salvarsan exclusivamente naquelas farmácias e drogarias que garantem a legitimidade do producto e não se abastecem com artigos oferecidos por fornecedores suspeitos e de procedência duvidosa.